



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA
PÓLO MÃE DO RIO**

MONICA DOS REIS ARRUDA

**AFETIVIDADE COMO DIMENSÃO DO PROCESSO DE
ENSINO/APRENDIZAGEM: contribuições para o ensino dos anos iniciais
em São Miguel do Guamá - Pa**

MÃE DO RIO - PARÁ

2018

MONICA DOS REIS ARRUDA

**AFETIVIDADE COMO DIMENSÃO DO PROCESSO DE
ENSINO/APRENDIZAGEM: contribuições para o ensino dos anos iniciais
em São Miguel do Guamá - Pa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Universitário de Castanhal, polo Mãe do Rio como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado Pleno em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos.

MÃE DO RIO - PARÁ

2018

MONICA DOS REIS ARRUDA

**AFETIVIDADE COMO DIMENSÃO DO PROCESSO DE
ENSINO/APRENDIZAGEM: contribuições para o ensino dos anos iniciais
em São Miguel do Guamá - Pa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Universitário de Castanhal, polo Mãe do Rio como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado Pleno em Pedagogia.

Banca examinadora

Orientador: _____

Francisco Valdinei dos Santos Anjos
Pós-Doutor em Educação

Examinador: _____

Degiane de Sousa Farias
Doutora em Educação

Examinador: _____

Eula Regima Lima Nascimento
Doutora em Educação

Examinador: _____

João Batista Santiago Ramos
Doutor em Educação

Conceito: _____ Data: ____/____/____

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho a Deus por
ser a fonte condutora em minha
vida, a minha mãe Albina Francisca,
ao meu esposo Clayton e a minha filha
Luara por servirem de referência para
que eu continuo em busca de meus
objetivos.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela coragem e sabedoria, sem ele eu não teria forças para concluir este percurso da minha vida.

A todos que contribuíam direta e indiretamente para a minha vida acadêmica.

A minha família, mãe Albina Francisca por me ensinar a viver com dignidade, pela excelente educação que me foi dada, pelo incentivo e apoio, pois não mediu esforços para que eu realizasse essa conquista, aos meus irmãos Wander, Wanda, Wanderson e Manuele, que acreditaram no meu sonho, ao meu esposo Clayton, pessoa que amo partilhar a vida, obrigada pelo carinho, paciência e por sua capacidade de me trazer tranquilidade e incentivo na correria de cada semestre, principalmente por acreditar em mim, a minha amada filha Luara que renovava minhas esperanças e me enchia de forças para continuar a caminhada.

A Universidade Federal do Pará pelo ambiente inspirador propício a evolução e crescimento, nela encontrei os recursos necessários para alcançar minhas metas e pela oportunidade de concluir o curso.

Aos professores por compartilhar o conhecimento, com eles aprendi o significado da dedicação para uma educação transformadora, me proporcionaram ferramentas para evoluir todos os dias, terão meus eternos agradecimentos, em especial o meu orientador Francisco Anjos pelo suporte, atenção e dedicação que fez a diferença na orientação deste trabalho.

Ao município de Mãe do Rio por ter me acolhido durante esta trajetória, pela parceria feita com a universidade, possibilitando implantação do curso no município.

E a todos meus colegas de turma que ao longo dos quatro anos e meio de graduação que me proporcionaram formar grandes amigos. Ao lado deles brincamos, discordamos, conversamos, estudamos, choramos, grandes momentos que estarão para sempre fazendo parte da história da minha vida. Em especial Ana, Elisangela, Iranilde, Aline, Manoel, Wesley meus

companheiros de trabalhos, pela ajuda, confiança e reflexões críticas que muitas vezes, se fizeram necessário para amenizar os momentos difíceis desta trajetória.

*“Educar sem afeto é esculpir uma
face sem olhos nem ouvidos, sem
paladar e sem as sensibilidades do
tato [...]”
(Schettini, 2010)*

LISTA DE SIGLAS

BNCC: Base Nacional Comum Curricular.

DCN: Diretrizes Curriculares Nacionais

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

PNE: Plano Nacional de Educação.

CNE: Conselho Nacional de Educação

ARRUDA, Monica Dos Reis. AFETIVIDADE COMO DIMENSÃO DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM: contribuições para o ensino dos anos iniciais em São Miguel do Guamá-PA. 77 folhas. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal, Mãe do Rio, 2018.

RESUMO

Trata o presente estudo de uma pesquisa que teve como objetivo investigar as contribuições da afetividade no processo de ensino/aprendizagem nos anos iniciais em uma escola de São Miguel do Guamá. É um estudo que assume a abordagem qualitativa (CHIZZOTTI, 2001) com princípio e a pesquisa de campo como mecanismo de realização do estudo (GIL, 2008). Para a produção dos dados foi utilizado a entrevista estruturada com questões fechadas e abertas (SEVERINO, 2007), com três professores. Os dados foram analisados a partir da técnica de análise categorial temático, segundo Bardin (1977) e Franco (2008). Os autores de referência utilizados nesta pesquisa foram Henri Wallon, Claudio Saltini, Antônio Eugenio Cunha, Gabriel Chalita entre outros. A mesma aconteceu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Sátiro, na sede do município de São Miguel do Guamá-PA. O resultado da pesquisa demonstra que os professores entrevistados reconhecem a importância e contribuições da dimensão afetiva no processo de ensino/aprendizagem, além de identificarem as relações afetivas no contexto escolar.

Palavras-chave: Afetividade. Ensino-Aprendizagem. Anos Iniciais.

SUMÁRIO

SEÇÃO I – INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Justificativa.....	13
1.2 Objetivo Geral.....	13
1.3 Objetivo Específico.....	13
SEÇÃO II – REFERENCIAL TEORICO.....	15
2.1 Educação/Ensino Fundamental Anos Iniciais.....	16
2.2 A afetividade como objeto de reflexão teórico-conceitual.....	25
2.3 Afetividade na relação professor/aluno, contribuições para a aprendizagem	36
SEÇÃO III - PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....	43
2.1 Contexto da pesquisa: O município de São Miguel do Guamá – PA.....	46
2.2 O local da pesquisa: Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Sátiro	47
2.3 Sujeitos da pesquisa.....	50
SEÇÃO IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	52
4.1 O que é afetividade para você?.....	54
4.2 Como acontece as relações afetivas dentro da sala de aula entre você e os alunos?.....	56
4.3. Quais as problemáticas mais comuns advindas das relações no cotidiano escolar?.....	59
4.4Que contribuições a afetividade no processo educativo de crianças nos anos iniciais?.....	61
4.5 Como você age para resolver os conflitos oriundos das relações no dia a dia da sala de aula?.....	62
4.6Quais os perfis dos alunos que possuem maior dificuldade de relacionamento com você e com os demais alunos?.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICES.....	76

SEÇÃO I – INTRODUÇÃO

O processo de ensino e aprendizagem para ser realizado de forma significativa, necessita o reconhecimento de algumas dimensões, a afetividade entre professor e educando é uma delas, configurando-se, portanto, em um subsídio no fazer pedagógico.

Sabe-se que a psicologia da educação, é considerada um dos fundamentos importantes para a educação. O futuro docente durante a sua formação recebe conhecimentos advindos desta ciência que trata, dentre outras coisas, da dimensão afetiva como construção individual e coletiva.

Nesses termos, este profissional precisa se apropriar de tais conhecimentos para utilizar na sua prática pedagógica, considerando a realidade dos educandos que revela situações de conflitos, sejam eles, morais, sociais, econômico, culturais e familiares, problemas que refletem no contexto escolar, interferindo no processo educativo de maneira negativa. Assim, o professor precisa encontrar maneiras de resolver tais dificuldades, sendo a afetividade um ponto de partida e de chegada no processo educativo, pois por meio dela é possível conhecer mais profundamente os educandos o que produz neles o sentimento de segurança, de autoestima, contribuindo para ampliar suas aptidões em relação aos processos de interação com o conhecimento.

Nesse processo o professor funciona como um agente capaz de mobilizar mecanismos que contribuem para fortalecer dimensões constitutivas da existência humana, a exemplo da afetividade. Portanto, é um profissional responsável pela mediação do conhecimento, o que demande dele/a a reflexão acerca do seu papel diante desta realidade que compromete a sua prática pedagógica. Daí a necessidade de buscar valorizar a dimensão afetiva e trabalhar para que ela se fortaleça e se concretize como expressão da relação entre os sujeitos que compõe o cotidiano da escola.

Os aspectos afetivos são importantes para auxiliar no processo educativo. Quando uma criança se sente parte integrante da escola, é socialmente aceita pela comunidade escolar, respeitada e tem laços de amizade com o professor, certamente este educando sentira o desejo de

aprender, uma vez que o afeto pode ser utilizado para alcançar a atenção do aluno, por isto um bom relacionamento facilita as aprendizagens.

As relações humanas são permeadas por sentimentos, quando os professores não levam em consideração as questões afetivas, o seu trabalho docente não se desenvolve de maneira integral, esta aprendizagem fica comprometida, pois não existe relações entre seres humanos desprovida de sentimentos. Assim, não se pode separar a afetividade da cognição, já que o processo emocional tem extrema importância na construção das estruturas mentais, sendo elas afetivas, cognitivas ou motoras.

A afetividade, não se restringe ao toque físico, o docente que ouve o seu educando, a maneira como conduz o diálogo, quando acredita em sua potencialidade demonstrando atenção e preocupação em sua dificuldade, são atitudes que se configuram na prática da pedagogia afetiva.

O tema afetividade é um assunto bastante debatido atualmente, mas ao mesmo tempo deixada em segundo plano, sendo pouco reconhecido como uma dimensão que interfere no processo pedagógico. Alguns professores em suas metodologias de ensino priorizam os conhecimentos científicos, separando os aspectos cognitivos do afetivo, delegando esta última função a família.

Na época em que eu estudava, fui contemplada com alguns professores que em suas metodologias de ensino priorizavam os conhecimentos científicos, separando os aspectos cognitivos do afetivo delegando esta última função a família, em contrapartida os outros levavam em consideração os dois aspectos como sendo indissociáveis e fundamentais para suas práticas pedagógicas.

Em virtude disso, foi possível diferenciar o meu rendimento escolar, pois vivenciei nos meus estudos tanto uma aprendizagem significativa, quanto um ensino tradicional, conservador, mecânico, bancário e excludente.

Por esta razão e para contribuir no processo educativo, vejo a necessidade de proporcionar uma educação de qualidade aos meus futuros educandos através da afetividade, uma vez que a mesma pode ser considerada um meio para facilitar este processo, tendo em vista que as

aprendizagens estão impregnadas de afetividades, pois ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular, entre ambos (docente e discente).

Considerando tais reflexões e as experiências dos estágios, surgiu a necessidade de desenvolver este trabalho com base no seguinte problema: Quais as contribuições da afetividade no processo de ensino/aprendizagem nos anos iniciais em uma escola municipal de São Miguel do Guamá-PA?

O referido estudo apresenta os seguintes objetivos

Geral:

- Investigar as contribuições da afetividade no processo de ensino/aprendizagem nos anos iniciais em uma escola municipal de São Miguel do Guamá-PA

Específicos:

- Identificar as características das relações afetivas dentro da sala de aula;
- Destacar as problemáticas advindas das relações no cotidiano escolar;
- Conhecer as concepções dos professores sobre a afetividade;
- Refletir sobre as principais contribuições da afetividade para o processo educativo de crianças nos anos iniciais.

Muitos autores defendem as práticas pedagógicas que são voltadas para o conjunto das dimensões afetivas integradas a cognição, necessárias para formação global do indivíduo, pois acreditam que a afetividade exerça um papel importante na construção do ser e na formação das estruturas mentais do mesmo, entendem que as relações entre ensino e aprendizagem são movidas por sentimentos.

Dentre os referenciais teóricos para consolidar esta pesquisa, adotou-se como principais, as produções de Henri Wallon, Claudio Saltini, Antônio Eugênio Cunha, entre outros, os referidos autores têm uma abordagem bastante atual sobre a temática e mostram em seus estudos a influência da afetividade nos processos de ensino e aprendizagens.

SEÇÃO II – REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 – Educação / Ensino fundamental anos iniciais

Historicamente a educação passou por inúmeras reformas, até chegar os dias atuais, em sentido amplo educação, segundo o Ferreira (2018) é o “processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social”.

Considera-se que a educação é um acontecimento social, histórico e cultural, por isto ela pode acontecer em qualquer lugar e depende do ideal de homem que ela quer formar, segundo Costa *et al*, (2009, p.31).

A educação talvez seja a atividade mais tipicamente “humana” que a humanidade realiza. A partir do momento em que os bebês esboçam os primeiros sinais de que são capazes de “aprender”, inicia-se um processo pedagógico que persiste por toda a sua vida. Assim, a todo o momento estamos sendo “educados”. A princípio pelos nossos pais e familiares mais próximos, posteriormente pelos meios de comunicação de massas (rádio, televisão, jornais, revistas etc.), pelas pessoas com as quais convivemos, enfim, pela sociedade.

Antes da chegada dos portugueses, a educação era exercida pelos indígenas de forma prática, ou seja, eles aprendiam fazendo, as atividades do cotidiano eram repassadas dos mais velhos para os mais novos, as questões das regras de convívio social, o trabalho, rituais entre outras funções, que o povo indígena exercia na sua cultura, pode ser caracterizada como educação informal. Para Libâneo (2010, p.31):

A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com o seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas.

Para o autor a educação informal é exercida em diferentes espaços, na qual sofre influências de cada realidade, e tem por finalidade desenvolver o indivíduo de acordo com sua cultura.

De acordo com Brandão (2005), a educação é uma prática social que tem o objetivo de desenvolver no ser humano saberes da sua cultura para formar tipos de indivíduos, de acordo com as necessidades de sua sociedade,

afirma também que a educação é uma das formas de realização de mudança social.

A educação no Brasil sistematizada, tem por finalidade o compromisso de tornar acessível o conhecimento formalmente organizado e, possibilitar aos educandos o acesso a objetos enquanto significado cultural, desenvolvendo o seu contato com o mundo, diversificando suas experiências. Isso acontece por meio das relações sociais visíveis, no qual a afetividade está presente.

A aquisição e construção do conhecimento formalmente, ocorreu a partir de 1549 a 1759 preconizada pelos padres jesuítas, que foram os principais educadores do período colonial. Este tempo foi marcado pela consolidação dos jesuítas enquanto ordem missionaria e também a sua supremacia na educação. O trabalho pedagógico durante este período esteve baseado no *ratio studiorum* que se configurou como um instrumento regulador do ensino.

A atuação dos jesuítas na educação no Brasil foi marcada pelo plano de instrução criado pelo padre Manoel de Nóbrega, chefe dos jesuítas no Brasil. De acordo com Saviani (2011), as instruções pedagógicas de Manoel eram pautadas em três pilares: filosofia da educação, teóricos da educação e prática da pedagogia, a partir desses referenciais o trabalho pedagógico era realizado.

Diante do exposto, compreende-se que a educação sistêmica e formal, iniciou sua história, por meio dos jesuítas no Brasil colônia, na qual eram destinadas aos filhos dos portugueses e aos futuros membros da própria companhia de Jesus. Como percebe-se, as atitudes dos jesuítas colidiram muitas vezes com as dos portugueses, isto se deve ao contexto daquela época, assim a educação era retrato da sua realidade. Usualmente esta ação percorre até os dias atuais, durante este percurso houveram muitos debates sobre a criação de um sistema nacional de ensino no Brasil no século XIX e início do XX, Segundo Anísio Teixeira (1976, p.12):

[...] somente no século XIX o estado entrou a interferir, maciçamente, na educação escolar. E, a princípio, apenas para criar uma escola diversa das existentes, destinada a ministrar um “mínimo” de educação, considerado necessário para vida em comum, democrática e dinâmica, da emergente civilização industrial. Tal escola, ou seja, a escola primária, que logo se faz compulsória, não tem os objetivos da educação escolar tradicional, a que sempre existira, antes de o Estado se fazer educador, e que visavam manter o “alto status” social do grupo dominante. A nova escola popular visa, tão somente, e

nunca é demais repetir, a dar a todos aquele treino mínimo, considerado indispensável para a vida comum do novo cidadão no estado democrático e industrial.

De acordo com autor supracitado, a intervenção do estado na educação da população e a organização dos sistemas nacionais de ensino, foram características do século XIX, que se configurou em um acontecimento que seguiu o processo de democratização e modernização.

Outro momento da construção do sistema nacional de ensino no Brasil foi o manifesto dos pioneiros em 1932, que influenciou mudanças na organização do ensino brasileiro, constituiu-se como um documento histórico sobre o momento em que se traçaram as bases da política nacional de ensino, o qual propunha a reconstrução educacional, destacando a sua importância frente as dificuldades enfrentadas na construção do sistema nacional, este se fazia necessário para que se organizasse a educação em nível nacional, regulamentando-a em seus diversos níveis e modalidades, do jardim de infância ao ensino superior.

Ocorreram também muitas etapas de dificuldades para que a educação venha ser universalizada, e organizada como um sistema nacional, foram criadas inúmeras reformas e leis para que se constituísse como direito e dever do estado, por tanto, percebe-se que houve uma construção histórica de uma legislação para o sistema educacional ser garantido. A educação tem sido bastante expandida nos últimos anos, atendendo de forma homogênea todas as classes sociais que antigamente não tinham esse direito.

Atualmente a lei de diretrizes e bases da educação (LDB 9.394/96) e a constituição federal de 1988, são as normas que regem o sistema educacional em vigor.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação estabelece os princípios da educação e deveres do estado, definindo as responsabilidades, em regime de colaboração, entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, essa é a segunda vez que a educação conta com uma lei que regulamenta todos os seus níveis, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da educação foi promulgada em 1961 (LDB 4.024/61).

Segundo a LDB 9.394/96, a educação brasileira é dividida em dois níveis: a Educação Básica e o Ensino Superior. A Educação Básica é constituída pela educação infantil, primeira etapa da educação, é realizada em creches (de 0 a 3 anos) e pré-escola (de 4 e 5 anos), é de competência dos municípios; Ensino Fundamental anos iniciais (do 1º ao 5º ano), e anos finais (do 6º ao 9º ano), a LDB estabelece que, gradativamente, os municípios serão os responsáveis por todo o ensino fundamental, na prática os municípios estão atendendo aos anos iniciais e os estados os anos finais, com duração de nove anos por fim o ensino médio etapa que finaliza a educação básica, o antigo 2º grau (do 1º ao 3º ano), é de responsabilidade dos estados.

A educação brasileira amparada pela LDB, conta com algumas modalidades de educação, que perpassam todos os níveis da educação nacional, são elas: Educação Especial que atende aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino; Educação a distância, atende aos estudantes em tempos e espaços diversos, com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação; Educação Profissional e Tecnológica, que tem como objetivo preparar os estudantes a exercerem atividades produtivas, atualizar e aperfeiçoar conhecimentos tecnológicos e científicos; Educação de Jovens e Adultos, atende as pessoas que não tiveram acesso à educação na idade apropriada; Educação Indígena atende as comunidades indígenas, de forma a respeitar a cultura e língua materna de cada tribo.

O ensino superior abrange os cursos de graduação nas diferentes áreas profissionais, que são disponíveis aos candidatos que tenham concluído o ensino médio ou equivalente e tenham sido classificados dentro do número de vagas em processos seletivos específicos, é de competência da união, podendo ser oferecido por estados e municípios, desde que estes já tenham atendido os níveis pelos quais é responsável em sua totalidade, cabe a união autorizar e fiscalizar as instituições privadas de ensino superior.

O sistema nacional de ensino está estruturado desta forma, o presente trabalho, vai tratar especificadamente da educação básica, ensino fundamental anos iniciais, no qual será realizado uma análise sobre a afetividade no

contexto escolar, onde será investigado se esta dimensão é usada como subsidio no processo educativo.

Os primeiros anos do ensino fundamental, pode ser considerado, a base da continuidade dos estudos, nessa fase as crianças estão vivendo transformações relevante em seu desenvolvimento, que refletem em suas relações consigo mesma, com os outros e com o mundo, como enfatiza as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNs, a maior habilidade e maior autonomia nos movimentos e deslocamentos, ou seja ampliam suas interações com o ambiente, a relação com inúmeras linguagens, incluindo os modos sociais da escrita e da matemática, permitindo a participação no mundo letrado e a construção de novas aprendizagens, no espaço escolar e para além dela. (BRASIL, 2013).

A afirmação da sua identidade em relação aos grupos, no qual se insere resulta em formas mais ativas de se relacionar com esse coletivo e com as regras que regem as relações entre as pessoas dentro e fora da escola, pela consideração de suas potencialidades, pelo amparo e pela valorização das diferenças.

De acordo com as experiências das crianças em seu contexto familiar, com a sua cultura e a sociedade, suas recordações, seu pertencimento a um grupo e sua interação com as mais diversas tecnologias de informação e comunicação, são fontes que instigam sua curiosidade e a construção de perguntas. O incentivo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da habilidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer o uso de tecnologias da informação e comunicação, permite aos alunos desenvolver sua compreensão de si mesmo, do mundo natural e social, das relações da sociedade entre si e com a natureza.

Tais características, exigem um trabalho pedagógico que se organize em torno dos interesses manifestados pelos educandos das suas vivências mais próximas, para que com base nessas vivências, elas possam, progressivamente, ampliar essa compreensão, o que se dá pela mobilização de operações cognitivas cada vez mais complexas e pela sensibilidade para

apreender o mundo, expressar-se sobre ele e nele atuar. Conforme o art.32 da lei de diretrizes e bases (LDB), o ensino fundamental:

[...] terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

I – O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III – O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV – O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. (BRASIL, 1996).

Por meio dos objetivos as escolas traçam suas metas, os professores organizam as suas metodologias de ensino que precisam estar voltadas para a formação integral do educando, no qual todos os aspectos sendo eles físicos, afetivo, cognitivo e social sejam priorizados para o seu desenvolvimento.

Além da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, o ensino fundamental é regido por outros documentos, como as Diretrizes Curriculares Nacionais, o Plano Nacional de Educação (lei nº 10.172/2001), os Pareceres e Resoluções do Conselho Nacional de Educação (CNE) e as Legislações de cada sistema.

O cenário educacional brasileiro vem sofrendo mudanças, como outrora citado, no que se refere o ensino fundamental anos iniciais, recentemente este nível de ensino foi alterado, com a lei n. 11. 274, em 6 de fevereiro de 2006, dispôs sobre a ampliação do ensino fundamental para nove anos, devendo os estados, municípios e o distrito federal implementar esta ampliação até o ano de 2010. Conforme a lei as crianças deverão ser matriculadas a partir de seis anos, esta mudança busca garantir o atendimento e inserção destas nesta etapa da educação básica como mostra a citação abaixo. De acordo com o documento orientador da nova forma de organização,

[...] a ampliação do ensino fundamental para nove anos significa, também, uma possibilidade de qualificação do ensino e da aprendizagem da alfabetização e do letramento, pois a criança terá mais tempo para se apropriar desses conteúdos. No entanto, o ensino nesse primeiro ano ou nesses dois primeiros anos não deverá se reduzir a essas aprendizagens. (Brasil, 2007, p. 8).

Com a ampliação do ensino fundamental, os educandos terão mais tempo e com isso maiores oportunidades de aprendizagem, conforme anuncia o parecer CNE/CEB n. 6, de 8 de junho de 2005:

Oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período da escolarização obrigatória e assegurar que, ingressando mais cedo no sistema de ensino, as crianças prossigam nos estudos alcançando maior nível de escolaridade. (BRASIL, 2005, p.05).

Tais medidas surgem como um avanço e da necessidade de oferecer qualidade no ensino, o desenvolvimento de um trabalho de qualidade exige que os ambientes, os recursos e o tempo sejam organizados para que as interações e aprendizagens aconteçam, a criança precisa se sentir estimulada e valorizada. Compete aos professores organizarem suas metodologias buscando recursos que auxiliem neste processo, privilegiando a criança na busca do conhecimento. Desse modo, “Cabe à educação das séries/anos iniciais valorizar as diferentes manifestações, partir dos interesses e conhecimentos das crianças, ampliação e expandi-los em projetos de trabalho interdisciplinar” (BRASIL, 2004, p. 67).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), prevista na Constituição de 1988, na Lei de Diretrizes e Bases, nas Diretrizes Curriculares Nacionais e no Plano Nacional de Educação, serve como referência para a construção e adaptação dos currículos nas redes de ensino. A BNCC tem o compromisso com a educação integral do indivíduo. É expresso no referido documento que:

A Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidade. (BRASIL 2017 p.14).

A escola só poderá cumprir seu papel de formar integralmente os educadores reorganizarem o currículo, reconhecendo a dimensão afetiva nesse processo.

A base reconhece que “deve afirma valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2017).

A Base Nacional Comum Curricular deverá servir de referência nas escolas públicas e particulares de todo o país, no setor público, deverá servir de base para a elaboração dos currículos estaduais, municipais e federal, que deverão definir como as habilidades serão implementadas em sala de aula. De acordo com a base:

Ao longo do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, a progressão do conhecimento ocorre pela consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas de linguagem e da experiência estética e intercultural das crianças, considerando tantos seus interesses e suas expectativa quanto o que ainda precisam aprender. Ampliam-se a autonomia intelectual, a compreensão e normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos, que dizem respeito às relações dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história, com a cultura, com as tecnologias e com o ambiente. (BRASIL, 2017, p 57).

Os conhecimentos para esta faixa etária, dos anos iniciais, se vinculam as aprendizagens que aconteceram nos anos antecedentes, que a partir de então vão avançando de acordo com o ensino que lhes são oferecidos, que podem ser ampliados e aprofundados ou não.

Os componentes curriculares obrigatórios do ensino fundamental serão organizados conforme às áreas de conhecimento, de acordo com constituição federal de 1988 em seu art. 210 ao afirmar que serão “fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”. Na BNCC (2017), tais conteúdos estão explicitados da seguinte maneira: são cinco áreas do conhecimento, linguagem; matemática; ciências da natureza; ciências humanas e ensino religioso, nas quais os componentes curriculares são: língua portuguesa, arte, educação física, língua inglesa, matemática, ciências, geografia, história e ensino religioso, só enfatizando que está última é facultada, ou seja, sua matrícula não é obrigatória.

De acordo com a referida Base Nacional Comum Curricular as competências gerais abarcam, entre outros artifícios: a valorização e utilização dos conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social e cultural, para apreender e explicar a realidade; exercício da curiosidade intelectual; desenvolvimento do senso estético para a valorização e participação de diversas manifestações artísticas e culturais; a utilização de tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica; valorização da diversidade de saberes e vivências, a resolução de conflitos e a cooperação, além disso, há competências específicas para cada disciplina.

No entanto, a base tem o compromisso com a educação integral do educando, ou seja, os conteúdos no qual os alunos precisam aprender devem estar atrelados ao cotidiano, suas vivências e sentimentos precisam ser consideradas nesse processo, a BNCC propõe:

[...] a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida. (BRASIL, 2017 p.15).

Pensar a educação numa perspectiva na qual se considera as múltiplas dimensões do ser humano, entendendo que os educandos aprendem em tempos e ritmos diferente, que o desenvolvimento é um processo contínuo no qual o conhecimento deve ser construído e reconstruído continuamente e abordado em uma perspectiva de totalidade, tais características se referem ao processo de ensino e aprendizagem que são construídos de forma significativa.

Embora ocorram inúmeras metamorfoses na educação especialmente nos anos iniciais como recentemente, o processo educativo, será consolidado eficazmente quando as suas dimensões humanas forem consideradas. Nesse sentido o plano nacional afirma que:

É preciso, no entanto, ter em conta que a melhor aprendizagem não resulta apenas do tempo de permanência na escola, mas do modo adequado da sua utilização. Portanto, o ingresso aos 6 anos no ensino fundamental não pode ser uma medida apenas de ordem administrativa. Nesse sentido, faz-se necessário atentar para o processo de desenvolvimento e aprendizagem, o que significa respeitar as características etárias, sociais, psicológicas e cognitivas das crianças, bem como adotar orientações pedagógicas que levem em consideração essas características, para que elas sejam respeitadas como sujeitos do aprendizado. (BRASIL, 2014, p.19).

De acordo com a afirmação da citação, para que de fato os objetivos referentes ao processo educativo sejam concretizados é importante que além de aumentar o tempo da criança na escola, pensar na qualidade desse tempo e também ampliar as concepções sobre a função social da escola, por meio de metodologias eficazes.

2.2 – A afetividade como objeto de reflexão teórico-conceitual

Pensar a educação no sentido de superação da histórica dicotomia entre afeto e cognição contribui para o desenvolvimento do indivíduo de maneira global, por meio da educação que acontece principalmente na escola, os indivíduos podem desenvolver suas máximas capacidades e habilidades humanas. Esta ação vai depender de como o processo educativo é desenvolvido, se as dimensões (afetiva e cognitiva) humanas são consideradas no fazer pedagógico. Quando uma é priorizada em detrimento da outra, o processo não acontece de forma significativa, pois as duas são indissociáveis. Como aponta Leite (2006, p.17):

[...] a partir da ampliação dos conhecimentos sobre a emoção e seus complexos processos de constituição, o conceito de homem centrado apenas na sua dimensão racional, típico da visão cartesiana, vem sendo revisto, em direção a uma concepção monista de constituição de ser humano, em que afetividade e cognição passam a ser interpretadas como dimensões indissociáveis do mesmo processo, não sendo mais aceitável analisa-las isoladamente.

Esta dimensão ao qual o autor aponta a respeito da visão racionalista, muitos foram os pensadores e filósofos como Platão, Descartes, Immanuel Kant na sua obra Fundamentação da metafísica dos costumes em 1786, que desde a Grécia antiga acreditavam que a razão e a emoção não tinham nenhuma ligação, que tais dimensões eram totalmente separadas, esta ideia permeou também na história da psicologia por influência da filosofia, durante muitos anos as teorias psicológicas analisaram separadamente os processos cognitivos e afetivos.

Novas são as compreensões sobre o funcionamento psíquico humano, em virtude, desta mudança de concepção decorridas de vários estudos de teóricos, que confirmam a integração das duas dimensões, de tal modo que para compreender o indivíduo em sua complexidade é necessário integrar as dimensões afetiva e cognitiva que o compõem. O que acontece na maioria das vezes é que a afetividade não é considerada no processo educativo, a sua ausência impõe obstáculos à aprendizagem do educando.

Nas mais variadas literaturas afetividade está relacionada aos mais diversos termos: emoção, estados de humor, motivação, sentimento, paixão, atenção, personalidade entre outros. Segundo Ferreira (2018),

Afetividade é um termo que deriva da palavra afetivo e afeto. Designa a qualidade que abrange todos os fenômenos afetivos.

No âmbito da psicologia, afetividade é a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos). A afetividade consiste na força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo. A afetividade tem um papel crucial no processo de aprendizagem do ser humano, porque está presente em todas as áreas da vida, influenciando profundamente o crescimento cognitivo.

A afetividade potencia o ser humano a revelar os seus sentimentos em relação a outros seres e objetos. Graças à afetividade, as pessoas conseguem criar laços de amizade entre elas e até mesmo com animais irracionais, isto porque os animais também são capazes de demonstrar afetividade uns com os outros e com os seres humanos.

As relações e laços criados pela afetividade não são baseados somente em sentimentos, mas também em atitudes. Isso significa que em um relacionamento, existem várias atitudes que precisam ser cultivadas, para que o relacionamento prospere.

Assim, a afetividade pode ser conceituada como todo o domínio das emoções, para Almeida (1999, p.42), “a afetividade manifesta-se primitivamente no comportamento, nos gestos expressivos da criança”. Almeida e Mahoney (2007, p.17), amparadas na teoria Walloniada, afirmam ainda que afetividade “refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”.

Espindolla (2004, p.1) considera que “o desenvolvimento afetivo se dá paralelamente ao cognitivo e tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual [...]”.

Neste sentido, de acordo com autor, o desenvolvimento intelectual sofre influências dos componentes cognitivo e afetivo, que fazem parte da constituição humana. Piaget, (1968, p. 104), afirma que:

[...] os aspectos afetivos, sociais e cognitivos da conduta são, de fato, indissociáveis, afetividade constitui a energética das condutas cujas estruturas correspondem às funções cognitivas e, se a energética não explica a estruturação nem o inverso, nenhuma poderia funcionar sem a outra.

O autor supracitado expressa ainda que a relação da afetividade no aspecto cognitivo, mostrando a quebra do paradigma dicotômico, uma vez que as mesmas estão ligadas para a construção do conhecimento. Sobre a importância, Piaget (1962/1994, p.129), afirma:

É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente.

Muitos autores defendem que os aspectos afetivos têm um papel importante para o desenvolvimento das capacidades e potencialidades que um ser humano pode adquirir. Para Sarnoski (2014, p.2):

A afetividade é a dinâmica mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar, ela é a mistura de todos os sentimentos como: amor, motivação, ciúme, raiva e outros, e aprender a cuidar adequadamente de todos nas emoções é que vai proporcionar ao sujeito uma vida emocional plena e equilibrada. Tendo em vista que todo processo de educação significa também a constituição de um sujeito. A criança seja em casa, na escola, em todo lugar, está se constituindo como ser humano, através de suas experiências com o outro, naquele lugar, naquele momento.

De acordo com o exposto, a afetividade é uma explosão de sentimentos, que fazem parte do organismo dos sujeitos, sendo ela importante para o seu desenvolvimento, por isto necessita de cuidados.

A afetividade é vista nos trabalhos de alguns autores, que a conceituam de acordo com o estudo que desenvolvem sobre esta temática, para Galvão (1995, p.61):

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se

substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimo. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações. As emoções possuem características específicas que as distinguem de outras manifestações da afetividade. São sempre acompanhadas de alterações orgânicas, como aceleração dos batimentos cardíacos, mudanças no ritmo da respiração, dificuldades na digestão, secura na boca.

A autora em destaque conceitua afetividade e emoção e as diferenciam; para Wallon (1999, p.37), “a afetividade tem papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade”, a emoção é uma forma de exteriorização da afetividade que evolui, como as demais manifestações. Kieckhoefel (2011, p.25) considera que:

[...] a afetividade pode ser conceituada como algo diretamente ligada ao domínio das emoções e dos sentimentos que estão envolvidos nestas emoções, e, principalmente, da maneira como nos relacionamos com estes sentimentos, isto quando se refere ao convívio humano e a forma como estes se expressam.

Na visão do autor a questão afetiva tem o papel de contribuir para a formação dos indivíduos, nas relações entre professor e aluno, por meio da intervenção do mediador as formas de sentimentos exteriorizadas devem ser consideradas para uma boa convivência. Para Vygotsky (2000, pg.14):

O aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que o são a inteligência e a vontade. O amor pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quanto a descoberta do cálculo diferencial.

Assim, como os demais autores atribuem importância a função afetiva, Vygotsky também compartilha da ideia de que emoção e razão estão intrinsecamente conectada, na perspectiva educativa as duas dimensões precisam ser consideradas. Para Sarnosky (2014, p.6).

A afetividade no ambiente escolar contribui para o processo ensino aprendizagem considerando uma vez, que o professor não apenas transmite conhecimentos, mas também ouve os alunos e ainda estabelece uma relação de troca. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, expondo opiniões, dando respostas e fazendo opções pessoais.

A afetividade no processo educativo busca compreender os educandos nas suas fragilidades emocionais, dificuldades de aprendizagem por conta de

bloqueios psicológicos, desestruturação familiar, entre outros, a educação quando pautada neste princípio representa uma base de apoio a estes alunos, especialmente, do professor, no instante em que busca um contato mais íntimo e humano com este.

Nesta dimensão, onde se materializa a questão afetiva são criados ambientes harmoniosos, com laços familiares para que todos possam sentir que são importantes e que cada um contribui com o processo, tais ações são realizadas e de fundamental importância na educação para a solidificação do conhecimento, segundo Sarnoski (2014, p. 5):

O processo de afetividade precisa oferecer atividades e a possibilidade de escolha pela criança das atividades que mais atraíam. O importante do ponto de vista afetivo é reconhecer e respeitar as diferenças que despontam como chamar pelo nome, mostrar que a criança está sendo vista, propor atividades que mostrem essas diferenças, dar oportunidades para que as crianças se expressem. A afetividade também é concebida como o reconhecimento construído através da vivência, não se restringindo ao contato físico, mas à interação que se estabelece entre as partes envolvidas, na qual todos os atos comunicativos, por demonstrarem comportamentos, intenções, crenças, valores, sentimentos e desejos, afetam as relações e consequentemente o processo de aprendizagem.

Nessa perspectiva da afetividade ser exercida no contexto escolar são necessários usar de vários mecanismos para que ela seja consolidada, por meio dessas ações o educando se sente motivado e procura as respostas das situações problemas que fazem parte do processo educativo, considera-se que este fator motivacional está relacionado a afetividade, quando as relações pessoais são próximas entre (educando e educador), este último se sente mais confiante em buscar soluções, tem concentração e objetividade para superar os desafios, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais significativo, quanto as relações entre o processo intelectual e afetivo, Vygotsky (2000a, p.16-17,), explica:

Como se sabe, a separação entre a parte intelectual de nossa consciência e a sua parte afetiva e volitiva é um dos defeitos radicais de toda a psicologia tradicional. Neste caso, o pensamento se transforma inevitavelmente em uma corrente autônoma de pensamentos que pensam a si mesmos, dissocia-se de toda a plenitude da vida dinâmica, das motivações vivas, dos interesses, dos envolvimento do homem pensante e, assim, se torna ou um epifenômeno totalmente inútil, que nada pode modificar na vida e no comportamento do homem, ou uma força antiga original e autônoma que, ao interferir na vida da consciência e na vida do indivíduo, acaba

por influenciá-las de modo incompreensível. Quem separou desde o início o pensamento do afeto fechou definitivamente para si mesmo o caminho para a explicação das causas do próprio pensamento, porque a análise determinista do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades, interesses, motivações e tendências motrizes do pensamento, que lhe orientam o movimento nesse ou naquele aspecto [...] A análise [...] mostra que existe um sistema semântico dinâmico que representa a unidade os processos afetivos e intelectuais, que em toda idéia existe em forma elaborada, uma relação afetiva do homem com a realidade representada nessa idéia. Ela permite revelar o movimento direto que vai da necessidade e das motivações do homem a um determinado sentido do seu pensamento, e o movimento inverso da dinâmica do pensamento à dinâmica do comportamento e à atividade concreta do indivíduo.

Partido deste pressuposto, no qual foi retratado pelo autor sobre a constituição dos processos afetivos, busca-se superar as dicotomias, as abordagens individualizantes e o modelo subjetivista que ainda sobrevive no campo educacional e entre outros, considerando os aspectos afetivo na aprendizagem, Vygotsky enfatiza que:

Os impulsos afetivos são o acompanhante permanente de cada etapa nova no desenvolvimento da criança, a partir da inferior até a mais superior. Cabe dizer que o afeto inicia o processo de desenvolvimento psíquico da criança, a formação de sua personalidade e encerra processo, culminando assim todo o desenvolvimento da personalidade [...] o afeto é o alfa e o ômega, o primeiro e o último elo. O prólogo e o epílogo de todo o desenvolvimento psíquico. (VYGOTSKY, 1996 p.299).

O referido autor acrescenta que o funcionamento da consciência humana, sua origem se dão pela ligação dos aspectos afetivo e cognitivo, e desta maneira se constitui o psiquismo humano, a partir disto surge a necessidade de trabalhar as duas dimensões quando se trata de processo educativo.

Wallon grande estudioso desta temática elabora a teoria psicogenética para explicar a sua visão sobre a afetividade no processo de desenvolvimento cognitivo do ser humano. Em seu livro “As origens do caráter da criança” o autor analisa a emoção em sua gênese, apresentando as modificações que sucedem desde o seu aparecimento até o estágio personalista, sob o impacto das condições sociais, segundo ele:

A constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência, onde a escolha individual não está ausente.” (WALLON, 1959, p. 288).

Durante o desenvolvimento do indivíduo, esses fatores em suas interações mútuas modificam tanto as fontes de onde procedem as manifestações afetivas, quanto as suas formas de expressão, portanto as ações dos indivíduos dependem de dois fatores o orgânico e o social.

Para Damásio (1996), neurologista, postula em sua obra “O erro de Descartes”, a existência de uma forte interação entre razão e emoção, nas quais constituem uma ligação essencial entre o corpo e a mente, nisto ele afirma:

Parece existir um conjunto de sistemas no cérebro humano consistentemente dedicados ao processo de pensamento orientado para um determinado fim, ao qual chamamos raciocínio, e à seleção de uma resposta, a que chamamos tomada de decisão, com uma ênfase especial no domínio pessoal e social. Esse mesmo conjunto de sistemas está também envolvido nas emoções e nos sentimentos e dedica-se em parte ao processamento dos sinais do corpo.

O referido autor, na sua percepção constitui uma inseparável relação entre os sentimentos e o cognitivo, rompendo também com a ideia da mente separada do corpo. Outros autores do campo da neurologia compartilham desta questão de que os processos cognitivos e afetivos são indissociáveis.

No campo da educação, Wallon defende uma evolução progressiva da afetividade, cujas manifestações vão se distanciando da base orgânica, tornando-se cada vez mais relacionadas ao social, que permitem evidenciar o social como origem da afetividade, ele relata:

O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto no início da vida, afetividade e inteligência sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira. [...]. Isto significa que a afetividade depende para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência e vice-versa. (WALLON, 1992, p.90).

Em suas postulações concebe as emoções como um fenômeno psíquico, social e orgânico, Wallon (1954, p.288) afirma neste sentido que “a afetividade é um domínio funcional, cujo o desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois valores existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano”, o autor faz referência aos quatro domínios

funcionais que se dividem: o ato motor; o conhecimento; a afetividade e a pessoa.

As necessidades de descrição obrigam a tratar separadamente alguns grandes conjuntos funcionais, o que não deixa de ser um artifício [...] Os domínios funcionais entre os quais se dividiram o estudo das etapas que a criança percorre serão, portanto, os da afetividade, ato motor, conhecimento e da pessoa. (WALLON, 1995, pp. 131 e 135).

São eles que dão uma determinada direção ao desenvolvimento humano, cada um desses domínios tem seu próprio campo de ação e organização, a afetividade é o termo utilizado para identificar um domínio funcional abrangente e, nesse domínio funcional, aparecem diferentes manifestações: desde as orgânicas, até as diferenciadas como as emoções, os sentimentos e as paixões. Neste sentido, entende-se que no processo educativo as aprendizagens não acontecem de maneira separada, ou seja, apenas cognição e razão, uma vez que os educandos não deixam os aspectos afetivos que compõe sua personalidade do lado de fora da sala de aula, quando estão interagindo com o objeto do conhecimento, ou deixam os sentimentos de lado para poder pensar, o indivíduo não pode ser tratado de forma fragmentada, todos os aspectos que constitui o ser humano precisam ser levado em consideração e de acordo com suas fases em qualquer situação.

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade. (WALLON, 2008, p. 198).

O afeto na visão de Wallon (2008), é fundamental na formação da pessoa completa, ele é contrário a compreensão do humano de forma fragmentada, pois vê o homem como um conjunto funcional resultante das suas dimensões, tem em sua teoria uma proposta de integralidade, ou seja, uma formação completa do indivíduo, na qual a afetividade se configura em um dos pilares, esta proposta atualmente se torna um grande desafio para o trabalho pedagógico.

Sob esta ótica de uma prática educativa que desenvolva as potencialidades de cada indivíduo de forma integral, entendendo que a emoção e a razão estão intrinsecamente integradas e reconhecendo a influência da

afetividade no processo educativo, tendo em vista que o conjunto funcional afetivo influencia e afeta o cognitivo, tais aspectos consolidam a eficácia da afetividade sobre as aprendizagens, neste sentido de influências outrora citado, Wallon (1986, p. 146), aponta:

[...] a coesão de reações, atitudes e sentimentos, que as emoções são capazes de realizar em um grupo, explica o papel que elas devem ter desempenhado nos primeiros tempos das sociedades humanas: ainda hoje são as emoções que criam um público, que animam uma multidão, por uma espécie de consentimento geral que escapa ao controle de cada um. Elas suscitam arrebatamentos coletivos capazes de escandalizar, por vezes, a razão individual.

Para o referido autor, o conjunto das dimensões afetivas, são transformadoras capazes de incorporar sensações coletivas, os sentimentos e emoções estão ligados ao comportamento humano, neste sentido a afetividade exerce um papel importante na construção do ser e na formação das estruturas mentais, uma vez que as relações entre ensino e aprendizagem devem ser movidas por sentimentos, segundo Saltini (2008, p.93) “para educar o ser humano, é fundamental conhecê-lo profundamente bem como respeitar o seu desenvolvimento. É necessário ter a percepção correta de como esse ser se desenvolve”, assim sendo, há a necessidade de conhecer o educando para compreendê-lo de maneira integral.

O trabalho pedagógico deve ser fundamentado na pedagogia afetiva atendendo as necessidades dos educandos de modo integral, considerando as dimensões que são inerentes ao ser humano, aliando-as para a progressão do processo educativo, para Cunha (2008, p.91):

Em razão do conhecimento prévio do conteúdo, o professor possui o domínio da matéria e, por conseguinte, sabe como promover o aprendizado dos alunos. Entretanto, além disso, ele ama o que faz. O seu amor provoca o amor da classe, como resultado, há fixação do que foi ensinado. A essa pedagogia, podemos chamar de afetiva.

O fazer pedagógico, neste sentido, torna-se significativo, uma vez que a vivência afetiva se coloca como condição para alcançar bons resultados na construção do conhecimento. A afetividade na educação depende de quem media o processo, uma vez que, tem o compromisso com o que faz, busca meios para auxiliar na ação de que se propõe, neste caso a educação formativa, para Saltini (2008, p.92), “a educação é uma arte. Não é uma mera

profissão ser educador. Manipulamos a educação com as duas mãos a do afeto e a da lei das regras”, sendo assim, o compromisso em mediar o conhecimento, traz na sua essência elementos como o afeto e a lei das regras que juntas trabalham para construir valores e o saber para o educando.

As relações de diálogos, respeito, inclusão, entre outros que ocorrem durante o fazer pedagógico, são momentos compartilhados entre os envolvidos, no qual são caracterizados por ações afetivas, Cunha (2008, p. 85), assegura que o aprendizado pode ser interessante na medida que:

A sala de aula ao revestir-se da sua humanidade, com laços de compreensão e entendimento, com atividades dinâmicas e desejastes, com participação ativa do aluno e nutrida por seu interesse, poderá tornar o aprendizado surpreendente.

Atitudes afetivas no contexto da sala de aula auxiliam os educandos para se tornarem pessoas bem-sucedidas nas suas relações interpessoais e terão melhores condições intelectuais de aprender, uma vez que a dimensão afetiva é desenvolvida neles através do facilitador do conhecimento, onde suas necessidades são atendidas, para Cunha (2008, p.67):

[...] o que vai dar qualidade ou modificar a qualidade do aprendizado será o afeto. São as nossas emoções que nos ajudam a interpretar os processos químicos, elétricos, biológicos e sociais que experienciamos, e a vivência das experiências que amamos é que determinará a nossa qualidade de vida. Por esta razão, todos estão aptos a aprender quando amarem, quando desejarem, quando forem felizes.

De acordo com o autor, quando a prática pedagógica tem em sua base, os aspectos afetivos, desenvolvendo laços de amizade, confiança, compreensão, motivação e entre outros, no seu educando, ele sentirá o desejo de aprender, logo este sentimento por sua vez determinará o progresso nas aprendizagens.

No âmbito educacional a afetividade tem a função de subsidiar o trabalho pedagógico com o intuito de elevar os níveis de conhecimento, mas de uma forma prazerosa, humana e compreensiva, possibilitando um fazer pedagógico, onde os envolvidos se sintam realizados, pois a educação tem a finalidade de formar cidadãos de maneira plena, Para Libâneo (1995, p.10):

A educação é um conjunto de relações, fatores, influências sobre o ser humano, destinados a prepara-los para a vida num determinado meio social. Numa definição mais completa, a educação constitui-se do conjunto dos processos de desenvolvimento integral dos indivíduos que ocorrem como mediação na relação ativa o homem com a realidade natural e social.

O autor supracitado, destaca o processo educativo como uma pluralidade de características que precisam de um olhar crítico e reflexivo, para a partir disto, criar formas metodológicas que supram as necessidades global para quem ela é destinada.

Segundo a constituição federal de 1988, em seu artigo 205 o estado deverá oferecer uma educação que promova” o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, neste sentido compreende-se que o indivíduo, tem direitos a uma educação que respeite as suas particularidades e atenda suas necessidades tanto na sua dimensão afetiva quanto cognitiva, afinal as duas se complementam, uma depende da outra para formar um todo, sendo assim todos os aspectos que envolve a constituição humana, que estão relacionados a construção do conhecimento precisam ser considerados.

Schettini (2010, p.15) ressalta que “Educar sem afeto é esculpir uma face sem olhos nem ouvidos, sem paladar e sem as sensibilidades do tato, o que vale dizer: uma educação que propicia a preparação da pessoa para o mundo”, ou seja, a ausência de afetividade na educação reforça a fragmentação do conhecimento, ocasionando uma aprendizagem sem significação.

Diante do exposto, nota-se as concepções e contribuições de alguns teóricos sobre a importância do fator afetivo e sua influência no processo de ensino e aprendizagem, nisso a educação pode ter um subsidio para avançar, por meio das manifestações afetivas entre educador e educando facilitam o processo educativo na sua evolução.

Uma pedagogia afetiva pode transforma o trabalho pedagógico, segundo Siqueira *et al*, (2011, p.8): “A pedagogia afetiva é esta linha que deveríamos seguir em sala de aula, demonstrando afeto, sensibilidade, respeito,

responsabilidade, dedicação, empatia e principalmente compromisso com o que se faz e para quem se faz”.

2.3 – Afetividade na relação professor/aluno, contribuições para a aprendizagem

Sabe-se que o afeto é um elemento importante nas relações das pessoas, este é inerente ao ser humano, para Wallon (1968, 124), “a emoção é o primeiro e o mais forte vínculo entre os indivíduos. É fundamental observar o gesto, a mimica, o olhar, a expressão facial, pois são constitutivos da afetividade emocional”, partindo deste pressuposto, compreende-se que no ambiente educativo as relações entre professor e aluno podem ser baseadas em afetividade, as convivências podem ser permeadas por sentimentos, este pode contribuir no processo educativo.

Para Piaget (*apud* Pulaski, 1986, p.139), “[...] todo ato inteligente é acompanhado por sentimentos (de interesse, de prazer, e esforço etc.), e que esses sentimentos fornecem a motivação, a energia que ativa o crescimento intelectual”.

O ambiente escolar, especificadamente a sala de aula se configura em um espaço onde o educador encontra muitos conflitos, emoções, desafios, diversos comportamentos e atitudes, caso não sejam trabalhados e compreendidos podem comprometer o relacionamento entre professor e o aluno, em decorrência disto o processo de ensino e aprendizagem.

A afetividade como uma prática pedagógica, deve estar presente no contexto escolar proporcionando aos seus educandos um ambiente agradável e de confiança, é importante que o educador esteja constantemente envolvido e atento às manifestações sentimentais dos educandos durante o processo educativo.

Quando o professor volta o seu olhar para questões além de aspectos físicos e cognitivo, demonstrando conhecer o seu aluno em suas múltiplas dimensões, o contexto no qual ele está inserido, entendendo que todas as suas

atitudes dentro de sala refletem suas experiências vividas, tais atitudes agregam valores a prática docente, segundo Saltini (2008, p.63).

O professor (educador) obviamente precisa conhecer e ouvir a criança. Deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, rir, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ele faz ali na escola.

De acordo com o autor, o educador precisa conhecer o seu educando, na sua realidade social e cultural, mais que isso, precisa reconhecer o ser humano na sua completude como ser que tem sentimentos, para Chalita (2004, p. 165), “[...] tudo que diz respeito ao aluno, deve ser de interesse do professor”, pois assim o educador pode mediar o conhecimento por meio do que interessa a criança.

A dimensão afetiva pode auxiliar o professor a ter um contato maior com seu educando, possibilitando conhecê-lo e assim compreendê-lo, na visão de Saltini (2008 p. 102) “Seria ótimo manter um diálogo com a criança, em que se possa perceber o que está acontecendo, usando tanto o silêncio quanto o corpo, abraçando-a quando ela assim permitir”.

As interações sociais estão repletas de afetividades, a relação entre professor e aluno precisa estar fundamentada em um relacionamento afetivo, para que os dois sintam o desejo de querer se relacionar, esta interação quando estabelecida favorece trocas de experiências mútuas. Para Saltini (2008, p. 100).

[...] a inter-relação da professora com o grupo de alunos e com cada um em particular é constante, se dá o tempo todo, seja na sala ou no pátio, e é em função dessa proximidade afetiva que se dá as interações com os objetos e a construção de um conhecimento altamente envolvente. Essa inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento.

A proximidade do professor com o seu educando se materializa na ação afetiva, a mesma pode ser realizada também por meio do diálogo, uma vez que a afetividade não se restringe ao toque físico, atitudes simples podem ser utilizadas no ambiente escolar com o intuito de melhorar as aprendizagens Saltini (1999, p.87) destaca que:

[...] o educador serve de continente para a criança. Poderíamos dizer, portanto, que o continente é o espaço onde podemos depositar nossas pequenas construções e onde elas tomam um sentido, um

peso e um respeito, enfim onde elas são acolhidas e valorizadas[...]. A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ainda para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado. O papel do professor é específico e diferenciado do das crianças. Ele prepara e organiza o microuniverso onde as crianças buscam e se interessam.

O professor preocupado com a aprendizagem dos seus alunos reconhece e utiliza a dimensão afetiva para facilitar o seu trabalho, pois compreende que o ser humano é constituído de razão e emoção, no qual, tais dimensões precisam ser consideradas para a construção do conhecimento, sobre este aspecto inerente ao ser humano, Vygotsky (2003, p. 121), salienta que “[...] as reações emocionais devem constituir o fundamento do processo educativo”.

O comportamento afetivo do mediador/facilitador do conhecimento influencia diretamente os seus educandos, todo relacionamento se baseia em questões afetuosas, quem não se lembra daquele professor (a), carinhoso ou daquele autoritário que lhe causou algum constrangimento ou medo diante dos colegas em alguma situação, durante a vida escolar. O fato de a afetividade criar laços afetivos entre educador e educando, contribui para o docente adquirir a confiança e segurança do protagonista da educação, que neste caso é o aluno e conseqüentemente no fazer pedagógico. Como aponta Cunha (2008, p. 80):

A professora ou o professor é o guardião do seu ambiente. A começar pelos seus movimentos em sala, que devem ser adequados e gentis. A postura, o andar, os falares são observados pelos alunos que vê como modelo. Independente da idade, da pré-escola á universidade, o professor será sempre observado. Então um bom ambiente na pratica do ensino começa por ele que canalizará a atenção do aprendente e despertará o interesse em aprender.

A afetividade representa a energia que direciona e motiva o aluno ao ato de aprender, por isto a importância das relações afetivas durante o processo de ensino e aprendizagens de acordo com Saltini (1999, p.20), “a escola deveria também saber que, em função dessa articulação, a relação que o aluno estabelece com o professor é fundamental enquanto elemento energizante do conhecimento”.

Os sentimentos de cuidado, carinho e amizade entre educador e educando precisam ocorrer de forma natural, não podendo de forma alguma deixar de existir na sala de aula, pois todos gostam de conviver com pessoas que amam e admiram, um professor afetivo é capaz de comover a turma, pois utiliza de meios para conquistar a confiança dos seus educandos, consolidando desta forma o vínculo afetivo, necessário para a construção do conhecimento, para Cunha (2010,p.102), “o amor na educação demanda esforço, pesquisa, busca, criatividade, estudo e prática pedagógica”, ou seja o professor precisa estar em constante busca de novos conhecimentos, novos recursos para conseguir oferecer um ensino de qualidade, se desvinculando daquele ensino tradicional.

A importância do vínculo afetivo na relação professor-aluno requer do educador atitudes que proporcionam um ambiente agradável, seguro e amoroso, Saltini (1999, p.88), afirma: “Mas para isso é necessário que o educador seja antes de tudo curioso, um pesquisador, possibilitando assim a criança descobrir verdades, ao invés de impor conteúdos”, nas palavras autor equivale mais as aprendizagens que tenham sentidos e que sejam claras.

Saltini (1999), ressalta que conhecer o modo como a criança é, compreender como ela constrói o seu conhecimento, na interação com outras crianças, pessoas e o seu próprio ambiente, segundo o autor esses são fatores considerados primordiais na formação das pessoas que lidam com crianças.

Nas ideias do autor em questão desde que a criança nasce, ela é dotada primeiro de funções psicológicas elementares como os reflexos e a atenção involuntária, que estão presentes nos seres humanos, quando recebem aprendizados culturais oriundos do seu contexto de vivência, alguns artefatos dessas funções básicas transformam-se em elementos psicológicos superiores, com a consciência, o planejamento, a memória.

Tal progresso acontece pela elaboração dos conhecimentos recebidos do meio em que convive, ou seja, quanto mais acesso à cultura e ambientes propícios, mais se favorecerá o seu conhecimento. Os espaços estimulados desenvolvem mais o cérebro, portanto, os ambientes pobres de estímulos e afetos como por exemplos orfanatos, as crianças podem ter déficits cognitivos irreversíveis.

É notório que o equilíbrio afetivo da família desempenha papel fundamental, construindo de maneira motivadora os rendimentos sociais, afetivo e também escolar.

Diante do exposto, pode-se concluir que os ambientes, no qual as crianças frequentam podem impacta-las de forma positiva ou negativa, daí a importância de se planejar um ambiente agradável e o principal responsável em criar este espaço, no caso da sala de aula é o professor, este quando compreende sua função, utilizar a afetividade no seu fazer pedagógico, considera todos os aspectos (cognitivo, afetivo, social, cultural, físico), do indivíduo, para que a educação seja desenvolvida de maneira integral, sendo assim, Cunha (2008 p.63), enfatiza:

O modelo de educação que funciona é aquele pela necessidade de quem aprende e não pelos conceitos de quem ensina. Ademais, a prática pedagógica para afetar o aprendente deve ser acompanhada por uma atitude vicária do professor.

De acordo com o autor, a educação precisa abranger um todo, uma vez que os educandos são seres constituídos de elementos integrados (inteligência e sentimentos), um depende do outro para funcionar, o mediador do conhecimento, precisa saber sobre os aspectos funcionais do ser humano, para poder entender suas necessidades e a partir deste pressuposto desenvolver sua prática pedagógica.

Atualmente a dimensão afetiva está sendo esquecida no contexto escolar, a bagagem emocional trazida pelos educandos não é levada em consideração por alguns professores, quando este aspecto importante e inerente ao ser humano é desconsiderado, o educador está contribuindo para formar um indivíduo indiferente e o seu desenvolvimento fica comprometido, a falta de um relacionamento afetivo entre educando e educador muitas vezes se dá por conta de alguns professores não se permitirem demonstrar afeto, não praticam tais atitudes, segundo Chalita (2001, p.162), “para que possa transmitir afeto é preciso que sinta afeto, que viva o afeto. Ninguém dá o que não tem”

As escolas são instituições de caráter essencial na formação dos indivíduos de uma sociedade, tem papel de contribuir não só na aquisição de

conhecimento, mas também na construção da personalidade, Saltini (1997, p.15), enfatiza que:

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdo e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores.

Sabe-se que por meio de um ato afetivo, pode-se conseguir cativar uma pessoa e assim ter espaço para contribuir com o seu desenvolvimento, a família e a comunidade escolar precisam ter a compreensão da importância que afetividade tem na vida de uma criança, o professor especialmente deve usar deste para tornar eficiente o seu trabalho, o afeto para Cunha (2008, p. 51):

[...] é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz.

A dimensão afetiva é importante na vida humana independente do ambiente, ao qual o sujeito faça parte, a sua ausência causa danos, a carência afetiva é refletida no cotidiano escolar.

No ensino tradicional, tais reflexos não são considerados pois a dimensão afetiva não interfere na construção do conhecimento, nesta abordagem a inteligência tem a função de armazenar todas as informações necessárias ao aprendizado, o relacionamento entre professor e aluno, se dá segundo Libâneo (1992, p. 23), pelas características onde:

Predomina a autoridade do professor que exige atitude receptiva dos alunos e impede qualquer comunicação entre eles no decorrer da aula; O professor transmite o conteúdo na forma de verdade a ser absorvida; A disciplina imposta é o meio mais eficaz para assegurar a atenção e o silêncio.

Nesta perspectiva, o papel do educando é de passividade, sendo o professor o responsável por transmitir o conhecimento, há uma valorização do conteúdo de ensino, tidos como verdades absolutas sem qualquer oportunidade dos alunos de questionar, sobre dúvidas em relação a sua

veracidade, o foco está no desenvolvimento do intelecto considerado elemento principal para o sucesso educacional, a dimensão afetiva é irrelevante nesta concepção pedagógica, ocasionando uma aprendizagem distante da realidade, sem significação.

De acordo com os vários teóricos estudados nesse trabalho, a educação significativa acontece quando as dimensões afetivas são consideradas como parte do processo, pois não existe aprendizagem meramente cognitiva ou racional, os educandos não se desvinculam dos aspectos afetivos que o compõe, deixando-os fora da sala de aula para interagir com o objeto do conhecimento, pois tanto os aspectos cognitivo como o afetivo são inseparáveis, os dois necessitam ser trabalhados para que o desenvolvimento humano seja consolidado de maneira global.

SEÇÃO III – PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

A presente pesquisa será de caráter qualitativo, pois será analisado o conjunto das narrativas, a qualidade das respostas, com finalidade de produzir informações por meio de amostras, preocupa-se com os aspectos da realidade que não pode ser quantificado, esta abordagem centra-se no método de procedimento da pesquisa ação, a esse respeito (CHIZZOTTI 2001, p.79), enfatiza que:

Abordagem qualitativa parte do fundamento e que há relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

A pesquisa qualitativa não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas, o ambiente natural é a fonte direta para a coleta de dados, para o referido autor este método “propõe uma ação deliberada visando uma mudança do mundo real, comprometida com um campo restrito, englobado em um projeto mais geral e submetendo-se a uma disciplina para alcançar os efeitos do conhecimento”. (CHIZZOTTI, 2001, p. 100).

Trata-se de um estudo de campo, que nas palavras de Gil (2008 p.57), “[...] estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação dos seus componentes. Assim, o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação”.

A pesquisa contará com a participação de três professoras. Por meio das mesmas será possível investigar a afetividade nas suas práticas pedagógicas, serão denominadas como Professora A, Professora B e Professor C. (CHIZZOTTI 2001, p.83), enfatiza que:

Todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Pressupõe-se, pois, que elas tenham um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais.

O instrumento de produção de dados utilizado foi a entrevista que segundo Severino (2007 p.124), é definida como uma:

Técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. Muito utilizadas nas pesquisas da área das Ciências Humanas. O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam.

Está ferramenta, possibilita um contato mais direto com o entrevistado, permitindo envolvimento do pesquisador nas suas experiências e consequentemente abstraindo maior conhecimento acerca do assunto, está técnica requer planejamento para que se alcance resultados positivos.

Como instrumentos de pesquisa utilizou ainda, os questionários elaborados com questões fechadas que se destinam a levantar informações escrita pelos docentes, para Gil (2008 p. 121): “Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos[...]”.

Os dados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo categorial temático, a partir de Bardin (1977) e Franco (2008).

Segundo Bardin (1977), existem três etapas para que essa categoria de análise seja materializada, a descrição com a finalidade de enumerar as qualidades do texto, a inferência que é o procedimento intermediário que permite a passagem, explícita e controlada de uma a outra e a interpretação nesta etapa do processo o que ocorre são as significações concedidas as características. Está abordagem tem como finalidade executar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens consideradas. Está técnica funciona através das operações de desmembramento do conteúdo em unidades e em categoria, conforme os reagrupamentos analógicos, a análise de conteúdo é definida por Bardin (1977 p.42) como:

[...] um conjunto de técnicas de análises das comunicações que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos as condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Franco (2008, p. 12), enfatiza que a mensagem pode ser “verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada”,

como evidencia o autor no momento desta abordagem podem acontecer vários registros, quando estabelecidos os contatos com as informações, acontece as percepções da mensagem que nos envolve deixando-nos “invadir por impressões, representações, emoções, conhecimentos e expectativas” (FRANCO, 2008, p. 52).

3.1 – Contexto da pesquisa: o município de São Miguel do Guamá

A presente pesquisa será realizada em São Miguel do Guamá, cidade na qual resido. Não diferente do restante do Brasil, a colonização de São Miguel do Guamá data dos primeiros anos da fixação dos portugueses no território paraense. Os frades do convento de Carmo, através das sesmarias (lotes de terras) concedidas pelo Governo da Capitania, fundaram a fazenda Pernambuco. Com a construção da Igreja Matriz o desenvolvimento do povoado foi impulsionado, possibilitando a organização do espaço sócio geográfico e delineando a formação do município (IBGE, 2010).

Ainda de acordo com o referido Instituto, em 30 de maio de 1891, através do Decreto Estadual de nº 344, São Miguel foi elevado à categoria de cidade, somente em 30 de dezembro de 1943, a partir do Decreto Estadual de nº 4.505, passou a chamar-se de São Miguel do Guamá, a denominação “Guamá”, de origem indígena Tupiniquim, significa “rio que chove”.

O movimento populacional de São Miguel do Guamá ocorreu de forma gradativa, inicialmente a região era habitada somente por guamaenses descendentes de índios, portugueses e negros. Com a construção da rodovia Belém – Brasília (BR- 010), o crescimento populacional foi acentuado, contribuindo para migração de goianos, capixabas, maranhenses, pernambucanos e cearenses buscando melhores condições de vida no município, que já oferecia oportunidades para o desenvolvimento da indústria, comércio e outros.

São Miguel do Guamá possui uma área total de 1.110.175 Km², com uma população de 51.567 segundo dados do IBGE censo de 2016, as principais vias de acesso do município são as rodovias BR-010 (federal), PA-

227; 331 e 251 (estaduais), municípios (vicinais). A rodovia BR-010 liga o município a capital (Belém) ficando a 140 Km de distância.

As manifestações religiosas são as festividades em homenagem a São Miguel Arcanjo, em setembro, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, no último domingo de novembro.

A economia está se desenvolvendo a cada dia, baseada em três alicerces: o turismo (beira-rio, cachoeira, paraíso e a ilha), a agroindústria e a indústria cerâmica, que utilizam as abundantes riquezas naturais do município. Além do comércio, o extrativismo vegetal, o carvão vegetal, madeiras de lei, seixo e argila, que estão sendo utilizadas na construção civil, aumentando a economia guamaense, embora essa economia não se reflita no município ao que tudo indica, mas na verdade escoar para outros municípios ou então fica concentrada na mão de poucos empresários.

3.2 – O local da pesquisa: Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Sátiro

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Sátiro foi fundada em 1º de março de 1978, na gestão do prefeito José Veríssimo de Brito Fonteles e está localizada na Rua Agostinho Siqueira s/n, nos dos maiores Bairros que é o bairro do Perpétuo Socorro, na Cidade de São Miguel do Guamá.

Criada através do decreto Nº 038/1978, a sua construção tinha como objetivo atender as crianças da redondeza, pois com o crescente desenvolvimento do bairro, a Escola São José Operário não tinha condições de atender todas as crianças. Como a prefeitura era proprietária de um terreno de boas proporções no referido bairro, resolveu construir um novo prédio com duas salas de aula, uma secretaria e dois banheiros para atender alunos da alfabetização e 1ª série do primeiro grau à época. A escola começou a funcionar em três turnos: manhã, intermediário e tarde, com seis turmas, sendo cinco de alfabetização e apenas uma de primeira série, cada turma tinha em média vinte e cinco alunos o que totalizava aproximadamente 150 alunos.

Nesse período a escola tinha como responsável a senhora Raimunda de Souza Oliveira, que também ocupava os cargos de coordenadora e secretária da prefeitura do município. Os governantes da época, em comum acordo, decidiram chamar a escola de Padre Sátiro, em homenagem ao guamaense Sátiro Oliveira da Silva.

Com o passar dos anos a escola não só atendia alunos do bairro do Perpetuo Socorro como também alunos oriundos de vários bairros do município e da zona rural.

A Escola Padre Sátiro em 1998 com o processo de municipalização do Ensino Fundamental deixa de ser Escola Estadual de 1º Grau Padre Sátiro, e passa a ser nomeada de Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Sátiro, uma vez que o município de São Miguel do Guamá passou a assumir a responsabilidade com todo o ensino fundamental através da Secretaria Municipal de Educação.

A escola teve como primeira professora responsável, Raimunda de Souza Oliveira que ocupava ao mesmo tempo a coordenação da escola e o cargo de secretária na prefeitura, em 1981 já na gestão municipal do senhor Guilherme Antônio da Costa o prédio foi ampliado com mais duas salas de aulas onde passou a funcionar a pré-escola denominada Chapeuzinho Vermelha sendo a professora Maria do Espírito Santo Lima a responsável.

Desse modo, a escola passou a ter duas responsáveis nos anos posteriores, teve a honra de ter grandes diretoras que assumiram esta escola: Maria de Nazaré dos Santos Macedo, Maria de Fátima Macedo de Araújo, Maria Estheolinda dos Santos Macedo, Maria Lindalva Oliveira Fernandes, Raimunda Socorro Silveira Lima, Maria de Fátima da Luz Rocha, Antônia do Perpétuo Socorro Martins Nunes, Delzisa Pantoja de Queiroz, Rosilena Antônia da Silva Rodrigues e Antônia Natalina dos Passos Ribeiro.

Atualmente conforme estabelece a Resolução Nº 006/2014-CME/SMG, a gestora desta instituição é a professora especialista em Gestão Escolar Antônia do Perpétuo Socorro Martins Nunes, que vem realizando um trabalho em conjunto com sua equipe escolar.

A EMEF Padre Sátiro, teve seu primeiro Ato Autorizativo concedido pelo Conselho Estadual de Educação do Estado do Pará – CEE/PA, no ano de 1992 pelo período de quatro anos e apenas em 2015, a referida escola foi autorizada pelo Conselho Municipal de Educação de São Miguel do Guamá – CME/SMG a partir da Resolução Nº 006/2015-CME/SMG em regime precário (18 meses). Em dezembro de 2016 a escola foi reautorizada pelo CME/SMG a partir da Resolução Nº 020/206 – CME/SMG, por um período de 05 (cinco) anos, após o gestor da época de realizado as obras (cobertura da quadra poliesportiva e a construção de 04 salas de aulas para que fosse extinto o turno do intermediário), tais obras foram exigidas pelo órgão normativo quando a autorizou em regime precário.

Atualmente a escola funciona com 12 turmas no período da manhã, e mais 12 no período da tarde, o que totaliza 24 turmas. O número de alunos por turma é em média 28 alunos por turma em decorrência dos alunos especiais inclusos.

A escola está inserida numa comunidade que participa das atividades promovidas pela escola de forma ativa. No que tange a participação dos pais no acompanhamento da aprendizagem dos educandos os professores estão sempre solicitando a parceria dos mesmos e na maioria das vezes são atendidos.

Os desafios a serem enfrentados pela Escola Padre Sátiro devem sempre primar pelo coletivo, uma vez que o trabalho sendo articulado em prol do desenvolvimento pleno e social dos alunos, professores, servidores e família tem como foco a educação integral.

No que se refere às questões econômicas das famílias as quais são atendidas na escola, parte significativa da população são trabalhadores assalariados que trabalham em cerâmicas, comércios, no setor público e uma minoria na agricultura já que são atendidos alunos do interior.

Na referida escola municipal, tive a experiência de estar no seu espaço no período de estágio, os professores têm formação superior e aparentam a questão afetiva com seus educandos nas suas práticas pedagógicas, tal situação foi um fator determinante na escolha da presente escola.

A seguir, apresentamos no quadro 01 a síntese do perfil sócio profissional dos professores participantes da pesquisa.

3.3 – Sujeitos da Pesquisa

Quadro 01: Perfil sócio profissional dos pedagogos.

Participante	Idade	Tempo de formação	Tempo de Atuação	Especialização	Cursos de formação continuada	Média Salarial
Prof. A	52 anos	20 anos	20 anos	Em Psicopedagogia	Na área da inclusão; Aprendizagem significativa; Processo de Avaliação.	2.500 a 3.257
Prof. B	30 anos	5 anos	5 anos	X	Inclusão, Alfabetização letramento e Avaliação.	2.500 a 3.257
Prof. C	35 anos	16 anos	16 anos	X	Participação em oficinas; Palestras e Workshops.	2.500 a 3.257

Fonte: ARRUDA, 2018.

Conforme o quadro 01 é possível verificar que são professores com certo grau de maturidade tanto a partir da idade, quanto do tempo de formação e de atuação profissional. De modo geral, apresentam formação continuada, mas em número reduzido. Embora um dos participantes possua especialização e maior tempo de serviço, isso não se apresente como um demarcador que produza resultados diferenciados em termos salariais. O que se espera é que um professor com tempo de serviço e formação possa gozar de valorização que se expressa em seus proventos, todavia a atual política voltada para o

magistério em termos de valorização, cada vez mais coloca os professores em condições degradantes o que produz certos níveis de insatisfação, frustração e falta de motivação, o que a nosso ver incide diretamente na qualidade do trabalho que desempenha junto as crianças.

O presente trabalho, se constitui em quatro seções e as considerações finais, a primeira será a introdução que expõe reflexões acerca da afetividade, os desafios da educação em compreender o processo de ensino e aprendizagem para o desenvolvimento humano considerando os aspectos afetivos e cognitivos bem como a problematização e os objetivos da pesquisa.

Na segunda seção mostra-se o referencial, reflexões teóricas - conceitual sobre a educação/ensino fundamental anos iniciais e a afetividade, considerando o pensamento dos principais autores do assunto relacionado a temática.

Na terceira seção é apresentada os procedimentos metodológicos juntamente com as técnicas utilizadas, o contexto da pesquisa, o local e os sujeitos.

Em seguida, na última seção será feito as análises e discussões, ao final será realizado as considerações finais.

Seção IV – Análise e discussão

Após um intenso processo de diálogo com intelectuais que se colocam a discutir a educação e a afetividade como dimensão constitutiva desse processo chegamos a campo para saber dos professores que sentidos atribuem a relação entre educação e afetividade, que desafios enfrentam com relação a essa questão e como a dimensão afetiva contribui no processo de desenvolvimento integral das crianças. Diante das falas foi possível identificar questões que consideramos relevantes para reformar, cada vez mais, a importância da afetividade no contexto escolar, não só porque se trata de um ambiente educativo, mas porque a dimensão afetiva é constituída no ser humano e se expressa em qualquer contexto. Portanto, a valorização dessa dimensão significa a valorização do indivíduo na sua inteireza. Assim, passamos a trazer à tona o que os professores produziram enquanto discurso em relação ao que nos propomos a investir nesse Trabalho de Conclusão de Curso.

Por meio do contato com os professores pude compreender que estes avaliam a afetividade como um elemento importante e que contribui no processo de ensino/aprendizagem, esta compreensão foi evidente no decorrer do diálogo durante as entrevistas. Possivelmente essa seja a questão de mundo em termos de resultado, posto que, na medida em que os professores reconhecem a importância, terão maiores possibilidades de criar mecanismos para que essa dimensão seja alimentada no cotidiano da escola, da mesma maneira como podem perceber os riscos que a não valorização dessa dimensão pode trazer para o processo de desenvolvimento dos educandos. Nos subitens da seção II apresentamos um conjunto de autores a exemplo de Piaget, Vygotsky, Wallon, Sarnoski, dentre outros, que apresentam uma base de discussão que sustenta a importância da afetividade no desenvolvimento humano. Para esses intelectuais a negação da dimensão afetiva implica diretamente em questões relacionadas às tipificações de expressão das emoções.

Se considerarmos que vivemos em um contexto no qual as questões de ordem emocionais tem se mostradas cada vez mais complexas e em alguns casos produzindo processos de adoecimento e de atitudes danosas de uns em relação aos outros, a exemplo de aumento do número de suicídios, homicídios

por razões absurdas, como no caso de escolas américas nas quais não são raros as manchetes de adolescentes e jovens que adentram os espaços escolares e atentam contra a vida de colegas de turma. Diante dessas exemplificações fica evidente que precisamos investir, cada vez mais na dimensão afetiva a fim de garantir para as crianças e os jovens condições de lidarem com as diferenças, com as frustrações, de modo a não entrarem em processos que julgados maléficos para si mesmo e para a sociedade como um todo.

Quando questionados pela primeira pergunta, sobre as suas concepções de afetividade, os entrevistados relacionaram está como manifestações de sentimentos e emoções, demonstraram que conhecem esta dimensão da natureza humana, isso fica evidente nas suas falas:

*A afetividade posso dizer que são **estados emocionais** de afeto que as pessoas apresentam diante de **atitudes, gestos, comportamento** enfim, a afetividade faz parte da vida humana, isso precisa ser levado em conta nas suas aprendizagens. Professora A*

*A afetividade pra mim está ligada as **emoções** que é de extrema importância para a **saúde mental** por influenciar o desenvolvimento geral, o comportamento e o desenvolvimento cognitivo, acredito que a forma como eu me relaciono com o outros e comigo mesmo determinam a forma como irei me desenvolver. Professora B*

*Bem, eu considero a afetividade a melhor maneira de demonstrar **sentimentos, emoções** e carinho por outra pessoa, criando assim laços mais profundos de amizade, respeito e empatia, isso acaba nos aproximando dos alunos. Professor C*

As unidades de sentido apresentadas relevam uma compreensão de afetividade que é expressa no senso comum. Elas não deixam de ser, de fato, parte do que se entende por afetividade. Todavia há que se considerar que

afetividade também carrega o germe dos sentimentos negativos, danosos, desastrosos. Nesse sentido, sempre que falarmos em afetividade teremos que considerar que as emoções não são expressas exclusivamente pelo carinho, atenção, amor, respeito que são atitudes, mas devemos levar em consideração também questões como ódio, egoísmo, impaciência, etc. Somos constituídos por sensações que transitam entre a positividade e negatividade daquilo que nos afeta e que, certamente, irá afetar àquelas pessoas com os quais interagimos.

Com base no que destaca os três professores, a afetividade é o sustentáculo em termos do que se expressa em emoções, atitudes, comportamentos. Na esteira daquilo que nos afeta positiva ou negativamente há que se considerar o que destaca a professora B, em relação a saúde mental, haja vista que a saúde é a expressão de um certo nível de equilíbrio em relação as várias dimensões que constituem o ser humano. Portanto, corpo são, mente sã revela que somos marcados positivamente por sensações que refletem as conformações de processos afetivos positivos.

A professora B, argumenta atribuindo a importância e a influência que a afetividade tem no aspecto psíquico mental e no desenvolvimento de maneira geral, está influência se dá pelo fato de a dimensão afetiva está conectada aos aspectos cognitivos como afirma Célia (2010, p.5), “afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis”.

Diante do exposto, nota-se que os professores associam a afetividade aos estados emocionais e sentimentos que se relacionam com as ideias de Kieckhoefel (2011, p.25-39), quando argumenta que:

[...] a afetividade pode ser conceituada como algo diretamente ligada ao domínio das emoções e os sentimentos que estão envolvidos nestas emoções, e, principalmente, da maneira como nos relacionamos com estes sentimentos, isto quando se refere ao convívio humano e a forma como estes se expressam.

Percebe-se que os professores compreendem o termo afetividade, para Wallon (1975, p. 366) “A formação psicológica dos professores não pode ficar limitada aos livros. Deve ser uma referência perpétua nas experiências

pedagógicas que eles próprios podem pessoalmente realizar”, refletir sobre está temática de acordo com Bock *et.al*, (1999, p.198):

É compreender que a vida afetiva - emoções e sentimentos – compõe o homem e constitui um aspecto de fundamental importância na vida psíquica. As emoções e sentimentos são como alimentos de nosso psiquismo e estão presentes em todas as manifestações de nossa vida. Necessitamos deles porque [...] orientam-nos e nos ajudam nas decisões.

O educador compreendendo a questão afetiva, ele tem um olhar diferenciado diante das situações impostas pelo cotidiano escolar, consegue descobrir as dificuldades em que seus educandos estão vivenciando e assim adequar sua metodologia de ensino. Verificou-se nas falas dos entrevistados que eles têm a percepção da afetividade, a mesma é expressa pelos professores de diferentes formas, porém todos a associam a sentimentos, de acordo com Guiotti, (2011, p.16).

A afetividade é vista sob diferentes perspectivas, ocupa lugar privilegiado no desenvolvimento psíquico e intelectual da criança e do adolescente, sendo a raiz afetiva a base de toda a atividade psíquica e intelectual. Ainda nesse contexto, o professor atua como peça fundamental nesse processo, transferido seu conhecimento ao aluno, pois, é no campo pedagógico, das relações professor-aluno, que a inteligência, a afetividade e o desejo se articulam, confrontando-se com faltas e carências a fim de contribuir para a construção de novas e infinitas possibilidades de aprendizagem.

Em seguida, foi realizado a segunda pergunta, como acontecem as relações afetivas dentro da sala de aula entre você e seus educandos? Sobre essa questão os entrevistados responderam:

Bem as relações afetivas acontecem dentro da sala de aula de forma simples, onde as crianças apresentam afeto e respeito uns com os outros e com os professores, eu procuro demonstrar a afetividade através do diálogo, tento fazer com que eles se sintam seguros, incentivando elogiando e exercendo a minha autoridade quando necessário.
Professora A

*Tento sempre promover ações afetivas através de atividades pedagógicas como **dinâmicas que trabalhem o afeto**, o relacionamento entre nós com ênfase na **autoestima, motivação** e etc, eu entendo que o afeto quando bem desenvolvido pode e é capaz de romper barreiras, quebrar paradigmas e superar obstáculos.*
Professora B

*Procuro, na medida do possível, ser o mais **atencioso** com todos os educandos, **conversando** com eles e tratando-os com **respeito, educação e dignidade** para que assim, demonstre que os mesmos são atores importantes dentro do processo educacional.* Professor C

De acordo com a análise reflexiva dos argumentos acima, as relações afetivas acontecem através de inúmeras atitudes no qual foram destacados o diálogo, o respeito, a atenção, a dignidade, a motivação, a autoestima, os elogios, os incentivos e a segurança, tais ações são consideradas pelos professores como praticas afetivas, todavia são caracterizadas como praticas desafiadoras no trabalho pedagógico, porém necessárias para a aprendizagem significativa, alguns autores compartilham deste pensamento também como Ribeiro (2010, p.20), menciona que:

Na atualidade, a docência é concebida como ação complexa que exige dos professores, além do domínio do conteúdo específico, capacidade em motivar e incentivar os estudantes, atenção as suas dificuldades e ao seu progresso, estímulo a trabalhos em grupos visando a cooperação e a busca solidária na resolução de problemas, escuta ativa e respeito as diferenças, reconhecendo a riqueza da diversidade cultural dos estudantes sob todas as suas formas, dentre outros aspectos.

O trabalho docente requer inúmeras atitudes que contemplem a formação do educando de maneira global, sendo o diálogo uma forma de se aproximar dos alunos, a partir do contato com os entrevistados percebe-se o diálogo um dos meios mais citados, utilizados para a construção dos vínculos afetivos na sala de aula entre educador/educando, sobre esta forma de comunicação, Freire (1980, p. 23), afirma: “o diálogo é um encontro no qual a

reflexão e a ação, são inseparáveis daqueles que dialogam, orienta-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar”.

A Professora B, enfatiza que, quando é trabalhado o afeto de maneira positiva, este é capaz de superar dificuldades, sobre esta percepção Cunha (2008), diz que o desenvolvimento do afeto no ambiente escolar será decisivo na vida do educando uma vez que este se sente amado, sente-se motivado para aprender, logo esta aprendizagem alcançada aumentará sua autoestima e consequentemente terá bom desempenho escolar.

Considerando as falas dos professores, nota-se que os afetos são demonstrados não somente por aspectos físicos, mas por meio de palavras, gestos, visto que essas ações simples que podem ser realizadas pelos docentes possibilitando uma aproximação entre professor/aluno, Chalita (2001, p.155), aponta que:

O professor que chama o aluno pelo nome, que repara em algum novo detalhe, uma roupa, um corte de cabelo, o professor que menciona ter conhecido o pai de seu aluno e lhe faz um elogio. São pequenos gestos de atenção que quebram barreiras e fertilizam o terreno da amizade entre ambos. E o famoso afeto de que falamos, nada tão complicado que exija sacrifício.

Os debates levantados na segunda questão também são significativamente propícios as discussões, mas inviabilizam as questões relacionadas as emoções negativas. Temos que considerar que existem uma correspondência entre emoções positivas e negativas, ou seja, para amor existe a correspondência do ódio, para a tristeza a alegria, para a coragem o medo, para o altruísmo o egoísmo, para a mansidão a raiva, para a solidariedade a avareza, etc. Isso tudo perpassa o cotidiano da escola e deve ser enfrentado a fim de dar lugar aquilo que os professores participantes da pesquisa destacam como características das relações afetivas que estabelecem no contexto escolar.

Investigando junto aos professores o que eles pensam sobre as dificuldades mais recorrentes das relações do contexto escolar e seguindo o roteiro de entrevista foi utilizado o seguinte questionamento: Quais as

problemáticas mais comuns advindas das relações no cotidiano escolar? As
Sobre esse ponto eles destacaram que:

As questões problemáticas mais comuns que acontecem são provenientes de alunos que vem de famílias desestruturadas e refletem no cotidiano escolar suas vivências familiares, situações que requerem uma certa postura nossa pra resolver. Professora A

Acredito que seja a indisciplina e agressividade, a indisciplina está ligada ao desrespeito que acaba gerando agressão verbal, insultos, apelidos, difamação, rejeição e até mesmo o isolamento, muitas vezes é necessário exercer a autoridade com mais firmeza. Professora B

Boa parte das problemáticas no cotidiano escolar tem origem nos conflitos causados pela falta de respeito, bullying e atitudes preconceituosas e interpessoais, essas questões são comuns na sala de aula e precisam ser trabalhadas, essas atitudes apresentadas pelos alunos afetam suas vítimas, e quem provoca esse tipo de situação precisa de um olhar investigativo por parte do professor, porque com certeza deve estar passando por algum conflito, que muitas das vezes é emocional. Professor C.

A Professora A, atribui os problemas corriqueiros da escola a conflitos familiares, são problemáticas que de fato, colaboram para desencadear a dispersão, a ausência de concentração, a baixa autoestima, isolamento, agressão e o desinteresse pela aprendizagem. Piaget (1964), afirma que as interações acontecem no âmbito familiar em virtude disto à criança recebe valores e estímulos positivos e negativos, assim constroem seus primeiros afetos. Quando os estímulos são negativos esses causam o fracasso escolar.

Outra problemática do cotidiano escolar mencionada durante o diálogo foi à agressividade e indisciplina, a professora afirma que a possível causa

destes problemas está ligada a falta de respeito que acaba gerando uma série de reações negativas nos educandos, no entanto, segundo o referido autor, Berger (2003, p.202), a agressão se inicia “a partir de um autoconceito e de uma regulação emocional inadequado durante os primeiros anos da pré-escola e pode se tornar um sério problema social à medida que o tempo passa”. A indisciplina é considerada um problema comum do cotidiano escolar, para Parrat-Dayán (2008, p.16), “A indisciplina é um problema sério, ela não tem forma e segue diferentes caminhos: falar, jogar papeizinhos, não estudar, não escutar etc.”.

Por último foi identificado na fala do Professor C, a falta de respeito, *bullying*, atitudes preconceituosas e interpessoais, este cenário negativo nas relações de vínculos afetivos e conseqüentemente no processo educativo, faz parte do cotidiano escolar, são situações que requerem um olhar investigativo para propor soluções, em muitos casos a base do problema são de cunho emocional, o *bullying* engloba todas as formas de desrespeito e discriminação e pode causar traumas psicológicos, danos irreparáveis, de acordo com Alberton (2005, p.25): “ É a violência que humilha, que menospreza, que fere moralmente, que faz com que a autoestima da criança seja abalada [...]”. Sabe-se que a criança quando não está bem psicologicamente o seu aspecto intelectual é comprometido também, dificultando suas aprendizagens.

Com base na terceira questão temos a possibilidade de fortalecer o que vimos destacando nas questões anteriores referentes as experiências positivas e negativas e o quanto elas são expressão das emoções que conformem uma lógica de afetividade. Mesmo os professores reconhecendo a importância e valorizando práticas de valorização do outro, quando mencionam o cotidiano da sala de aula, surge práticas desrespeitosas, danosas que incidem diretamente no processo de aprendizagem das crianças. Essa é uma questão muito importante a se destacar posto que, infelizmente, em muitos casos é o que mais se percebe não só em relação ao modo como os alunos interagem, mas também do modo como os professores também se relacionam com os educandos.

A quarta pergunta é o foco deste trabalho na qual se configura em: Que contribuições a afetividade tem no processo educativo de crianças nos anos iniciais? As respectivas respostas dos professores entrevistados:

*São muito as contribuições que a afetividade trás para processo educativo, bem através da afetividade podemos **conhecer o nosso aluno e compreender suas dificuldades** facilitando o nosso trabalho pedagógico, a gente sabe que uma criança que é criada com a família que recebe afeto, amor seu comportamento é muito diferente das crianças que vem de família problemática. Professora A*

*Sabendo que a afetividade é uma ferramenta fundamental no processo educativo posso dizer que suas contribuições são inúmeras por exemplo **melhora o convívio**, a relação com as crianças, elas se desenvolvem de maneira saudável e positiva suas **habilidades só evoluem**, através da afetividade se pode **conhecer a si próprio e o outro**, um ambiente afetivo e harmônico contribuí para o bom **desempenho na aprendizagem**, quando compreendidos os alunos ficam **motivados** despertando o seu **interesse** pelo conhecimento são muitas as contribuições da afetividade, que auxiliam no processo educativo. Professora B*

*A afetividade permite ao educador transmitir a **segurança** necessária para que o educando se torne mais **confiante, interessado e motivado**, o que propicia ao aprendiz um terreno fértil para o seu desenvolvimento, ou seja quando o aluno está bem com o seu interior tudo flui. Professor C.*

De acordo com o exposto, verifica-se algumas contribuições da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, como compreensão, aproximação de professor/aluno, motivação, confiança, interesse, segurança

entre outros, essas mesmas atitudes são identificadas nos dizeres de Pereira *et al* (2010, p.14), afirmam:

No ambiente escolar, o professor tem que ser equilibrado emocionalmente, além de dar atenção ao aluno, deve se aproximar, elogiar, saber ouvir e reconhecer seu valor, acreditando na sua capacidade de aprender e de ser uma pessoa melhor. Essas ações favorecem a afetividade no aluno. O professor proporciona segurança e respeito, na forma de expressar seus sentimentos. O carinho e a atenção é parte da trajetória na construção da aprendizagem mútua, sendo apenas o começo do caminho a ser percorrido pelo aluno [...].

A citação é esclarecedora, de acordo com está para a construção do conhecimento são necessários estabelecer vínculos afetivos entre professor e educando, por meio de várias atitudes. Como afirma Reginatto (2013, p.2), “[...] Professor e aluno precisam estabelecer uma relação de amizade, respeito e confiança, e para isso, a afetividade é fundamental [...]”.

As falas dos professores sobre as contribuições da afetividade se aproximam os teóricos estudados desta temática, isto mostra que estão cientes do papel desempenhado pela afetividade e suas contribuições, mas não podemos deixar de questionar a aproximação e o distanciamento entre o discurso desses processos e suas práticas cotidianas na sala de aula. Não estamos aqui desqualificando esses posicionamentos, mas quando expressam conflitos oriundos do cotidiano da sala de aula, há nosso ver esse cotidiano é reflexo do modo como o professor estabelece as características do ambiente. Queremos dizer com isso que professores amorosos, acolhedores, exigentes e que valorizam o diálogo e o respeito mútuo tendem a promover um clima de sala de aula próximo daquilo que valorizam. Turmas com muitos problemas de relacionamentos dão pistas de que o professor precisa rever a sua postura docente em relação não só a afetividade, mas também a metodologia utilizada, dentre outras questões que interferem nessa dinâmica cotidiana.

A penúltima pergunta está descrita da seguinte forma: Como você age para resolver os conflitos oriundos das relações no dia a dia da sala de aula?

De maneira simples procurando compreender a base do conflito e intervindo através do diálogo de forma coerente

e afetiva, e em alguns casos procuro conversar com os pais, com a direção ou coordenação. Professora A

Aplicando o diálogo com relação a conduta deles mantendo a calma e acalmando as crianças, também os conscientizando de suas atitudes erradas que podem ser evitadas, falo muito com eles sobre a importância do respeito. Professora B

Procuro resolver os conflitos do cotidiano escolar através do diálogo e conscientização das partes envolvidas no que no que se refere aos seus direitos e deveres para com o próximo, abordando a importância do respeito mútuo para um bom convívio social. Professor C

Em relação aos conflitos do cotidiano escolar, os professores mostram em comum que procuram resolver os mesmos por meio do diálogo, os professores B e C relataram ainda a conscientização das atitudes erradas dos educandos como forma de solucionar os problemas.

O diálogo como se sabe é uma ferramenta importante no fazer pedagógico, por meio dele as pessoas podem se comunicar, trocar experiência, informações e conhecimento, na conversa sempre há respeito e reflexão crítica sobre determinado assunto, a conscientização de comportamentos inadequados apontado pelos professores, faz parte do diálogo, para Freire (2003), dialogar é manter uma conversa que gere conhecimento para todas as pessoas envolvidas, ainda acrescenta “a relação dialógica – comunicação e intercomunicação entre sujeitos, refratários à burocratização de sua mente, abertos á possibilidades de conhecer e de mais conhecer – é indispensável ao conhecimento” (2004, p.15).

Muitas vezes as pessoas, até mesmo professores alteram o tom de voz, dependendo do que for dito, vão influenciar o processo educativo daquele indivíduo de maneira positiva ou negativa, sobre está ideia os autores Leite et al (2010, p.11), relatam:

O que se diz, como se diz, em que momento e por quê – da mesma forma que o que se faz, como se faz, em que momento e por quê – afetam profundamente a relação professor-aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo de ensino aprendizagem [...].

As palavras que são direcionadas ao educando precisam ser refletidas antes para que assim não prejudique a relação e a construção do conhecimento, como diz Piaget (2002), o diálogo não é uma espécie de dominação, em uma comunicação dialógica não pode haver egocentrismo e também não relações de coação, mas sim equilíbrio nas trocas.

A professora A, discorreu sobre a família como forma de auxiliar nos problemas escolares. Como se sabe a família é responsável também pela formação do indivíduo, como afirma Chalita (2001, p.21), “[...]. A preparação para a vida, a formação da pessoa, a construção do ser são responsabilidades da família”.

A última pergunta da entrevista: Quais os perfis dos alunos que possuem maior dificuldade de relacionamento com você e com os demais alunos? Suas respostas.

Alunos que vem de famílias desestruturada, de pais separados, que moram com avós ou outros membros da família, procuro incentivar, conversar e criar um ambiente agradável para que este aluno se sinta feliz e seguro, essas são atitudes que auxiliam neste processo.
Professora A

Problemas familiares, mudança de escola com frequência alguma necessidade especial, timidez ao extremo, todas essas questões influenciam em um certo distanciamento do aluno, e o professor precisa saber lidar com isso, se não o aluno não progredir. Professora B

Os alunos mais reclusos têm uma maior dificuldade em se permitirem um relacionamento mais afetivo com os demais membros da comunidade escolar, é bem comum

eles apresentarem problemas domésticos com famílias desestruturadas. Professor C

De acordo com os professores as crianças que apresentam dificuldades de se relacionarem, de interação e manifestação de sentimentos são educandos que vem de famílias problemáticas, este segundo os professores são as causas deste impacto negativo que refletem no cotidiano escolar de acordo com Cunha (2008, p.51), “Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto”. De acordo com Coll et al (2007, p.115)

Os problemas emocionais costumam manifestar-se em forma de ansiedade ou angústia, acompanhadas de manifestações de tristeza, choro, retraimento social, dificuldades de estabelecer relações satisfatórias, desinteresse acadêmico, dificuldade de concentração, mudanças no rendimento escolar e relação inadequada com o professor e com os colegas. [...], podem ser relacionadas a vida cotidiana familiar [...].

Na maioria das vezes esses problemas estão associados a famílias desestruturada gerando nas crianças a carência afetiva que afeta o aluno impedindo o seu desenvolvimento intelectual, a afetividade no ambiente escolar contribui para superar esta carência. Rossini (2004, p. 16), faz um questionamento acerca da dimensão afetiva:

Por que a afetividade? Porque é a base da vida humana. Se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometida, sem expressão, sem força, sem limites, sem vitalidade. Isto vale para qualquer área da atividade humana independentemente de idade, sexo, cultura.

A professora B relatou ainda como causa das dificuldades de estabelecer relações na sala de aula, crianças tímidas ao extremo, mudança de escola com frequência e alguma necessidade especial, essas podem ser a origem do problema, todavia são questões que o docente deve trabalhar, pois estas prejudicam a aprendizagem dessas crianças, uma forma de se aproximar deste educando é por meio do afeto, segundo Chalita (2001, p. 248), são essas crianças, esses

Alunos que precisam de afeto. E só há educação onde há afeto, onde experiências são trocadas, enriquecidas, vividas. O professor que

apenas transmite informação não consegue perceber a dimensão do afeto na aprendizagem do aluno. [...]. Que o professor amenize esse sofrimento e auxilie o desenvolvimento harmônico do aluno.

Verifica-se nos argumentos dos professores que eles conseguem identificar as causas dos problemas, também mostram que reconhecem a afetividade como forma de solucionar problemas.

Se de um lado somos chamados a enfrentar inúmeros problemas do cotidiano escolar que estão vinculados a própria dinâmicos da sala de aula e que são a expressão da falta de valorização da escola, por outro lado somos implicados com um cenário que revela situações inquietantes e em alguns casos desastrosas em relação as famílias. Infelizmente na atualidade esse é o perfil de famílias com as quais lidamos e, portanto, não podemos negá-las. É necessário que reconhecendo esses dilemas que são emanados dos familiares dos educandos, mais do que nunca há que se juntar forças para também ajudar essas famílias e se constituírem com base em princípios que são fundamentais para que seus filhos tenham condições de se desenvolver plenamente. Um dos mecanismos que assumimos como base das possibilidades de mudança é o investimento na afetividade. Ela é a força motriz que sempre moveu que move e que sempre moverá a humanidade frente as suas projeções aqui na terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos por meio deste estudo, que os objetivos propostos tiveram resultados alcançados, as ideias dos autores estudados, conceitos, argumentos, orientações deram subsídios para enriquecer a compreensão sobre a temática. A fundamentação teórica deste trabalho auxiliou para a compreensão das contribuições das relações afetivas para o processo educativo das crianças nos anos iniciais.

Os resultados obtidos pela pesquisa demonstraram as concepções dos professores sobre a afetividade, na qual, algumas de suas ideias são discutidas pelos referenciais deste estudo, foram destacadas as dificuldades advindas das relações no ambiente escolar, às características das relações afetivas em sala de aula, além da investigação foi realizada uma reflexão sobre as principais contribuições do tema em questão, no entanto, durante a pesquisa aconteceram algumas dificuldades em relação à coleta de dados, pois os entrevistados mostraram insatisfação em detalhar os seus argumentos, suas respostas foram limitadas, restringindo as informações que poderiam influenciar positivamente ou negativamente nas análises.

Nesta perspectiva, compreende-se que os professores reconhecem a importância e as contribuições da afetividade para a educação, além de associarem os conflitos refletidos em sala pelos educandos, oriundos de aspectos emocionais.

O estudo mostrou que as dimensões afetiva e cognitiva estão intrinsecamente conectadas, uma depende da outra para funcionar, quando associadas no campo educacional podem auxiliar na superação das dificuldades de ensino e aprendizagem. Tais dimensões são inerentes ao ser humano, fazem parte da sua constituição, as construções intelectuais são permeadas por sentimentos em virtude disto há a necessidade de considerá-las no processo educativo.

A afetividade precisa fazer parte da prática pedagógica, esta não pode ser negligenciada pelos professores, por meio da dimensão afetiva o aluno pode ser compreendido e respeitado. A sensibilidade do docente para ouvir,

dialogar, elogiar, cumprimentar, dar atenção, segurança, entre outras, são ações que corroboram para o apoio e superação das dificuldades.

A afetividade contribui positivamente no processo educativo, pois está cria um ambiente favorável para o educando se desenvolver de maneira global, possibilita a aproximação do professor/aluno, auxilia na elevação da autoestima, para um ambiente agradável e equilibrado, para que a criança supere suas limitações pessoais, enfim a aprendizagem se torna mais prazerosa quando a afetividade faz parte das relações. Portanto, o estudo possibilitou inteirarmo-nos, refletir criticamente sobre a dimensão afetiva, sua importância, contribuições além de identificar atitudes afetivas nas práticas dos professores por meio dos dados analisados.

REFERÊNCIAS

ALBERTON, Mariza Silveira. **Violação da infância:** crimes abomináveis: humilham, machucam, torturam e matam. Porto Alegre, RS: AGE, 2005.

ALMEIDA, A. R. S. **A Emoção em Sala de Aula.** São Paulo: Papirus, 1999.

ALMEIDA, L. **Afetividade e aprendizagem:** contribuições de Henri Wallon. São Paulo: Loyola, 2007. P 15-24.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa, Portugal; Ed. 70, 1977.

BERGER, K. S. **O Desenvolvimento da Pessoa:** da infância à adolescência. Rio de Janeiro: LTC editora, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2005. Ed. 46º.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988).** Brasília, DF: Senado Federal 1988. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado. Acesso em: 17 de julho de 2018.

_____, Ensino fundamental de nove anos: **orientações gerais.** Brasília: Ministério da Educação, 2004.

_____, Ensino fundamental de nove anos: **Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.** Brasília: Ministério da Educação, 2007.

_____, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9.394/96,** de dezembro de 1996.

_____, **Lei n. 11.114 de 16 de maio de 2005.** Altera os arts. 60, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com o objetivo de tornar obrigatório o início do Ensino Fundamental aos seis anos de idade. Brasília, 2005.

_____, Plano Nacional de Educação. **Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014.** Disponível em: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf. Acesso em 14/07/2018.

_____. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Parecer nº 11, de 7 de julho de 2010.**

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC 3ª versão.** Brasília, DF, 2017.

_____. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Caderno de Educação em Direitos Humanos**. Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais. Brasília, 2013. Disponível em: portal.mec.gov.br/index. Acesso em 17 de julho de 2018.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove anos)**. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de dezembro de 2010, Seção 1, p.28. Disponível em: portal.mec.gov.br. Acesso em 16 de julho de 2018.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5ª edição. São Paulo: Cortez 2001.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos do desenvolvimento e necessidade educacional especiais**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

COSTA, SEZINANDO MENEZES: **Fundamentos históricos da educação no Brasil**. 2.ed. ver. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak 2008.

DAMÁSIO, Antônio R. **O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DANTAS, H. Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Y.de et al. Piaget, Vygotsky, Wallon. **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

ESPINDOLA, M. **A construção da afetividade**. Disponível em: www.espirito.org.br/portal/palestras/piaget/afetividade.html > acesso em: 05 de julho de 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário online de português**. Disponível em www.dicio.com.br. Acesso em: 05 de julho de 2018.

FRANCO, Marília L.P.B. **Análise de Conteúdo**. 3.ed. Brasília: Liber Livros, 2008.

FREIRE Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **À sombra desta mangueira**, São Paulo: Olho D'Água, 4ª edição, 2004.

_____. **P. Pedagogia do Oprimido**, São Paulo: Paz e Terra, 36ª edição, 2003.

GALVÃO, I. Henri Wallon: **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ; Vozes, 1995 (edição e conhecimento).

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIOTTI, Lilian Fradique. **Educação Infantil**: a importância da afetividade na relação professor-aluno na percepção dos educadores. Brasília: UCB, 2011.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. (Tradução de Paulo Quintela). Lisboa: Edições 70, 1960.

KIECKHOEFEL, J, C. **As Relações Afetivas entre Professor e Aluno**. Curitiba, Nov. 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5202-2668.pdf>. Acesso em 06 de julho de 2018.

LEITE, S. A. da S. TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula**: as condições de ensino e a mediação do professor, acesso fev, 2010. <http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASLAAfetividadeemSaladeAula.pdf> acesso em: 21 de Agosto, 2010.

LEITE, S. A. S e cols. **Afetividade e Práticas Pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. J. C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992.

MANIFESTO dos pioneiros da educação nova: **A reconstrução educacional no Brasil**. Ao povo e ao Governo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

MAOHONEY, A Abigail Alvarenga; ALMEIDA Laurinda Ramalho (org.). A dimensão afetiva e o processo ensino-aprendizagem. In: MAHONEY, A.; MARIA CÉLIA. **Afetividade e aprendizagem**: Relação professor e aluno. Comunidade ADM. 2010.

PARRAT-DAYAN, Silvia. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. **Como enfrentar a Indisciplina na Escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Maria José de Araújo; GONÇALVES, Renata. **Afetividade**: Caminho para a Aprendizagem. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/alcance/article/viewFile/669/625>. Acesso em 20 de Agosto de 2018.

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.

_____, Jean. **Relações entre afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Tradução e organização: Claudio J. P. Saltini e Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

_____, Jean. **Epistemologia genética**. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fonte, 2002.

PULASKI, M. A. S. **Compreendendo Piaget**. Uma Introdução ao Desenvolvimento Cognitivo da Criança. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

REGINATTO, Raquel. **A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem**. Vol. 8 – Nº 18 - Julho – Dezembro. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU. 2013.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. **A afetividade na relação educativa**. Revista Estudos de Psicologia I Campinas setembro, 2010.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva**. São Paulo: ed Vozes, 2004.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SARNOSKI, Eliamara Aparecida. **Afetividade no Processo de Ensino-Aprendizagem**. Revista de Educação do Ideau, Vol. 9 – Nº 20 - Julho – Dezembro, 2014. Semestral.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SCHETTINI, Luiz Filho. **Pedagogia da Ternura**. Rio de Janeiro, 2010. Editora vozes 2ª Ed.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ªed. São Paulo: Cortez, 2007.

SIQUEIRA, A.M.O.NETO,D.D.S.FLORÊNCIO, R. **A importância da afetividade na aprendizagem dos alunos**. 2011,pdf.

TEIXEIRA, Anísio. Valores proclamados e valores reais nas instituições escolares brasileiras. In: TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil: textos selecionados**. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura, 1976.

VYGOTSKY. L. S. **O Desenvolvimento Psicológico na Infância**. São Paulo,2003. Editora Martins Fontes.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Difel,1972.

_____, H. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole,1986.

_____, H. **Do ato ao Pensamento: ensaio de psicologia comparada**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____, H. **Objetivos e Método da Psicologia**. Paris: Enface,1973. Tradução: Franco de Sousa. Lisboa: Editorial Estampa, 1975 a.

APÊNDICE: A



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA
PÓLO MÃE DO RIO

Pesquisadora: Monica Dos Reis Arruda

Objetivo da Pesquisa: Investigar as contribuições da afetividade no processo de ensino/aprendizagem nos anos iniciais em uma escola municipal de São Miguel do Guamá - PA

Orientador: Prof. Dr. Francisco V. dos Santos Anjos

Local da Pesquisa: Escola Municipal de ensino Fundamental Padre Sátiro, São Miguel do Guamá - PA

QUESTIONÁRIO

1 - Idade: _____

2 - Tempo de serviço:

3 - Tempo de atuação profissional: _____

4 - Formação Inicial (Graduação) _____

5 - Especialização: _____

6 - Mestrado: _____

7 - Doutorado: _____

8 - Pós-Doutorado: _____

9 - Cursos de Formação Continuada na área dos anos iniciais:

10 - Média salarial: _____

APÊNDICE: B



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA
PÓLO MÃE DO RIO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. O que é afetividade para você?
2. Como acontece as relações afetivas dentro da sala de aula entre você e os alunos?
3. Quais as problemáticas mais comuns advindas das relações no cotidiano escolar?
4. Que contribuições a afetividade tem no processo educativo de crianças nos anos iniciais?
5. Como você age para resolver os conflitos oriundos das relações no dia a dia da sala de aula?

6. Quais os perfis dos alunos que possuem maior dificuldade de relacionamento com você e com os demais alunos?